

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

FÁBIA ELINA DOS SANTOS ARAUJO

ESCONDERIJOS DO TEMPO: a poética existencialista de Mário Quintana

São Luís

2023

FÁBIA ELINA DOS SANTOS ARAÚJO

ESCONDERIJOS DO TEMPO: a poética existencialista de Mário Quintana

Dissertação apresentada ao Programa de pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Fabíola de Jesus Soares Santana

São Luís

2023

Araujo, Fábila Elina dos Santos.

Esconderijos do tempo: a poética existencialista de Mário Quintana./ Fábila Elina dos Santos Araujo. – São Luís (MA), 2023.

74p.

Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Fabíola de Jesus Soares Santana.

1. Mário Quintana. 2. Sartre. 3. Existencialismo. 4. Literatura Brasileira. 5. Filosofia. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)

FÁBIA ELINA DOS SANTOS ARAÚJO

ESCONDERIJOS DO TEMPO: a poética existencialista de Mário Quintana

Dissertação apresentada ao Programa de pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Aprovada em; 15/08/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fabíola de Jesus Soares Santana (Orientadora)
Doutora em Letras
Universidade Estadual do Maranhão

Profa. Dra. Andrea Teresa Martins Lobato (Examinadora)
Doutora em Letras
Universidade Estadual do Maranhão



Documento assinado digitalmente
HELIDACY MARIA MUNIZ CORREA
Data: 01/04/2024 09:35:20-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Hedilecy Maria Muniz (Membro externo)
Doutora em História Social
Universidade Estadual do Maranhão

A Pedro, meu pai, *in memoriam*.

A Maria Vitória, minha Mãe, pela amplitude que seu nome carrega.

A Salmon Anderson e Lara Fábria, meus companheiros de vida e incentivadores de tudo que fui, sou e pretendo ser.

Aos meus amados “filhos” Fabiane Reinaldo e Paula.

A Nynna, minha estrelinha “orelhuda”, saudade de todos os dias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pela coragem, força e perseverança que guiam meus passos.

À professora Dr^a. Fabíola de Jesus Soares Santana, por ter aceitado o convite para esta orientação, e ter paciência e persistência em conduzir este estudo.

Ao meu esposo-parceiro de vida, Salmon Anderson, meu incentivador e responsável por eu ter me inscrito para este Mestrado, e que não mede esforços e sempre se dispõe a me ajudar e me apoiar.

Ao meu amor maior, Lara Fábia, minha filha, minha razão de viver e continuar sempre em busca dos meus objetivos.

A minha mãe, Maria Vitoria, pelo amor, educação, incentivo e confiança em todos os momentos da minha vida.

Às professoras-doutoras Andrea Teresa Martins Lobato e Hedilecy Maria Muniz, que tanto me ajudaram com sugestões pertinentes e enriquecedoras durante a qualificação.

Às amigas que o Mestrado me deu, Katiana Oliveira e Heridan Guterres. Como foi bom conhecê-las e saber que a amizade permanece extrapolando as barreiras virtuais!

À Marília Cerveira e Andrea Farias, amigas de profissão, e incentivadoras desta conquista.

Agradeço aos meus **bons amigos** que torcem, vibram e acreditam em mim. Não irei nomeá-los, pois poderia ser injusta com alguém ou gerar ciúmes.

Ao professor José Henrique Borralho, coordenador do PPG Letras/UEMA, pelo apoio e confiança a mim creditada.

À Aline, secretária do Mestrado, pelo zelo e prontidão em seus atendimentos: Muito obrigada!

Bilhete

Se tu me amas, ama-me baixinho
Não o grites de cima dos telhados
Deixa em paz os passarinhos
Deixa em paz a mim!
Se me queres,
enfim,
tem de ser bem devagarinho, Amada,
que a vida é breve, e o amor mais breve
ainda...

RESUMO

Estudar a poética de Mário Quintana constitui-se em um desbravar de emoções que sua produção suscita e que tornam a obra ímpar dentro do cenário literário brasileiro. E em busca de algumas respostas emanadas pelos quintanares, o estudo em questão tem como objetivo geral analisar o existencialismo presente na obra *Esconderijo do Tempo*, do poeta Mário Quintana, que se desdobram nos objetivos específicos de identificar o discurso existencialista presente na obra em análise, compreender o contexto social e filosófico no qual se configurou a corrente filosófica existencialista de Jean-Paul Sartre e apontar elementos que contribuam para caracterização da poesia existencialista de Mário Quintana. O Existencialismo, corrente filosófica que surgiu na Europa no início do século XX, tem como foco a existência humana e suas questões fundamentais, como a liberdade, a escolha, a angústia e a morte. O aporte bibliográfico escolhido para este estudo apoia-se em Arend e Pavani (2006), Becker (1996), Bornheim (2011), Moisés (2012, 2019), Penha (2017), Sartre (2011, 2015), Silva (2003) e Yokozawa (2006). Baliza-se nesta pesquisa os pressupostos teóricos da área da Teoria existencialista, Memória e Cultura literária, bem como em autores da área da filosofia. A existência, a dor, a nostalgia, o prazer e a morte norteiam o viver/ser e são temas sempre frequentes e comuns na filosofia e na poesia e encontram-se presentes nos quintanares. Dessa maneira, pretende-se colaborar com os estudos literários e filosóficos acerca do existencialismo presente na poesia de Mário Quintana.

Palavras-chave: Mário Quintana; poesia; Sartre; existencialismo; Literatura Brasileira; Filosofia.

ABSTRACT

Studying the poetics of Mário Quintana constitutes an exploration of emotions that his production raises and that make the work unique within the Brazilian literary scene. And in search of some answers emanated by the quintanares, the study in question, has as general objective to analyze the existentialism present in the work *Esconderijo do Tempo* of the poet Mário Quintana, which unfold in the specific objectives of identifying the existentialist discourse present in the work under analysis, understand the social and philosophical context in which Jean-Paul Sartre's existentialist philosophical current was configured and point out elements that contribute to the characterization of Mário Quintana's existentialist poetry. Existentialism, a philosophical current that emerged in Europe at the beginning of the 20th century, focuses on human existence and its fundamental issues, such as freedom, choice, anguish and death. The bibliographical contribution chosen for this study is based on Arend and Pavani (2006), Becker (1996), Bornheim (2011), Moisés (2012, 2019), Penha (2017), Sartre (2011, 2015), Silva (2003) and Yokozawa (2006). This research is based on theoretical assumptions in the area of existentialist theory, memory and literary culture, as well as in authors from the field of philosophy. Existence, pain, nostalgia, pleasure and death guide living/being and are ever-present and common themes in philosophy and poetry and are present in quintanares. In this way, it is intended to collaborate with literary and philosophical studies about the existentialism present in the poetry of Mário Quintana.

Keywords: Mário Quintana; poetry; Sartre; existentialism; Brazilian literature; Philosophy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 MÁRIO QUINTANA: literatura, memória e existência	27
3 SARTRE E O EXISTENCIALISMO: apontamentos para uma poética do ser	46
4 DE SARTRE A QUINTANA: (<i>im</i>) possíveis afinidades	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68

Seiscentos e sessenta e seis

A vida é uns deveres que nós trouxemos
para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, já é 6^a-feira...
Quando se vê, passaram 60 anos...
Agora, é tarde demais para ser
reprovado...
E se me dessem — um dia — uma outra
oportunidade,
eu nem olhava o relógio
seguia sempre, sempre em frente...
E iria jogando pelo caminho a casca
dourada
e inútil das horas.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tornou-se um dos processos primordiais para o encontro de possíveis respostas aos questionamentos que surgem durante a seleção de um objeto de estudo, portanto, é sempre a busca de algo novo que se quer descobrir, a partir de um raciocínio que articula o conhecimento produzido – explicações teóricas – e as informações e dados do real. Desse modo, a pesquisa tem que se desenvolver conforme as exigências dos acontecimentos em movimento, e é por isto também que ela é necessária (Demo, 2006). Nessa perspectiva, é sabido que os poetas da segunda fase do Modernismo brasileiro sentem a necessidade de escandalizar, construir posições e contraposições estético-literárias. Descobrem-se suficientemente livres para criar seus estilos, sem sentirem-se corrompidos ou corrompendo o movimento de que fazem parte. O verso livre ou clássico, se produzido por um brasileiro, tem, a partir de então, seu valor nacional.

Vale lembrar que a literatura brasileira desse momento se insere no código da literatura universal por seu alto padrão técnico, por um lado, e, por outro, por seu acentuado caráter diferencial. O Modernismo é marca fundamental da libertação da literatura brasileira, desde Sousândrade, passando por Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, liberdade esta traduzida em versos, ao tratarem de temas cotidianos em uma poesia marcada pela simplicidade das palavras e por tratar de temas triviais que fugiam ao academicismo vigente anteriormente. De acordo com Yokozawa (2006), Mário Quintana não é unanimidade crítica, haja vista a desatenção crítico-acadêmica em relação à sua poesia, no entanto seus poemas são frutos de um lirismo voltado para a realidade cotidiana, enlaçada no plano material e metafísico numa esteira que movimenta o “eu” da poesia. Autor de uma produção poética com trilha própria, caminha sempre na direção da reflexão filosófica e existencial.

Feitas essas primeiras considerações sobre o poeta Mário Quintana e sua poesia, objeto desta pesquisa que me proponho a desenvolver, apresento o que me encaminhou para o estudo do autor em questão.

Em 2010, fui informada pela diretora da escola onde lecionava, de que o subprojeto de Letras do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

(PIBID)¹, da Universidade Federal do Maranhão estava selecionando professores de Língua Portuguesa para atuarem como professores-supervisores do Programa.

Aprovada na seleção, iniciei minha atuação como professora-supervisora do PIBID/Letras – Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o que me proporcionou o retorno ao meio acadêmico com um outro olhar, o de professora da rede pública de ensino. Durante esse período, de 2010 a 2016, pude adquirir subsídios para aumentar meus conhecimentos no campo educacional, com a ampliação do repertório, através de leituras direcionadas às legislações e às políticas de formação de professores e, também, sobre as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas na área de Letras.

Sou graduada em Letras pela UFMA, com especialização em Língua Portuguesa. No ano de 2016, em busca por qualificação profissional, na perspectiva de melhorar meu fazer pedagógico, iniciei o mestrado em educação, pelo Programa de Mestrado em Educação da UFMA. Foi uma experiência positiva, que me proporcionou a ampliação de um olhar acerca da formação do docente que atua na educação básica e as possibilidades que um mestrado traz para nossa atuação.

Em 2018, as mudanças ocasionadas pelo Novo Ensino Médio, com a adesão da escola ao ensino integral, e o fato de eu ter ficado como excedente no quadro de professores, levaram-me a buscar um outro centro de ensino para lecionar. Nesse novo espaço, tive a grata surpresa de saber que a escola fazia parte dos locais selecionados para a Residência Pedagógica, e, novamente, pude atuar, agora como Preceptora.

E em busca de alternativas para o ano letivo de 2020, a partir das experiências relatadas, e considerando o momento atípico para a educação, devido ao período de isolamento e distanciamento social, pude desenvolver na escola da rede pública em que leciono, juntamente com outra professora da área de Linguagens, um projeto intitulado “*Clube de Leitura*”, que priorizou a Literatura enquanto manifestação artística e objeto de fruição estética. O objetivo principal foi

¹ O PIBID é vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) objetivando induzir e fomentar a formação inicial e continuada de profissionais do magistério (Lei nº 11.502, de 11 de julho de 2007), em atendimento às diretrizes do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação (Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007), bem como aos princípios estabelecidos na Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica (Decreto 6.755, de 29 de janeiro de 2009 e Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, no seu art. 31), à Portaria Normativa MEC nº 9, de 30 de junho de 2009.

resgatar com os alunos sentimentos e vivências experimentadas com o texto literário e que foram compartilhadas no Clube de Leitura Virtual.

O Clube possibilitou a leitura e debate das obras “*O menino do pijama listrado*”, “*A cor púrpura*”, “*Macunaíma*”, “*Esconderijos do tempo*”. A última sessão do clube foi produzida no formato de um Clube / Sarau Poético e contou com a presença de poetas maranhenses que encantaram os alunos com um olhar poético sobre a obra “*Esconderijos do Tempo*”, de Quintana. Nesse encontro constatei, ainda mais, que por meio dos textos poéticos literários do autor os alunos puderam pensar sobre sua existência e reconstruir suas perspectivas dentro da sociedade.

Ademais, a poesia de Quintana contribui de forma significativa para a prática docente em relação às questões relativas ao ser/estar dos discentes, pois aborda temas universais como a identidade, a solidão, a busca pelo sentido da vida, o tempo e a impermanência, entre outros. Esses temas são relevantes para os alunos, visto que fazem parte da experiência humana e podem despertar reflexões e debates valiosos em sala de aula.

Ao trabalhar com a poesia de Quintana, exploramos a forma como o poeta retrata as complexidades e contradições da condição humana, bem como pode ajudar os aprendizes a desenvolver uma maior compreensão de si mesmos e dos outros, estimulando a empatia e o respeito pelas diferenças.

Isto posto, o projeto desenvolvido aguçou minha vontade de expandir conhecimentos na área de atuação, Letras, o que me levou a me inscrever para o Programa de Mestrado em Letras da Universidade, focalizando assim, a literatura. Desta feita, decidi analisar as poesias de Quintana sob o enfoque do existencialismo, doutrina filosófica que se destina ao indivíduo indeterminado, desprovido de quaisquer relações externas, um ser-projeto que só depois de existir transcenderá em busca de sua afirmação no mundo.

Nas poesias de Quintana encontramos cenas e palavras presentes em nosso cotidiano que revelam um vasto universo, impregnado de ironias, de reflexões filosóficas, de buscas e encontros, denunciando um poeta atento aos conflitos humanos.

Outro motivador para desenvolver este trabalho foi a pretensão de contribuir para o resgate e divulgação da obra de Quintana, poeta que não logrou reconhecimento logo que começou a publicar sua poesia intimista, em função do sociologismo rasteiro que dominava a crítica (Yokozawa, 2006), mas que traz em

seu discurso poético reflexões acerca de conflitos humanos tão antigos quanto à própria existência, tais como o fato do homem enraizar-se na finitude do seu ser histórico, condenado a uma existência cega e limitada.

Diante do exposto, escolhi a linha de pesquisa 2, Literatura, Memória e Cultura, por proporcionar a investigação do texto literário e os diálogos que ele estabelece com as novas significações que surgem a partir do contexto social em que o texto é produzido, ou seja, as influências sociais e culturais nas quais estão ancoradas as vivências do autor e que transbordam para a sua criação literária.

De acordo com o quadro apresentado e da complexidade que envolve a temática, busco com este estudo responder aos seguintes questionamentos: haveria uma proposta existencialista na obra “*Esconderijos do Tempo*”, de Mário Quintana? Como se evidenciaria o existencialismo? A partir de quais aspectos/palavras o existencialismo se constitui na obra do autor?

A partir dessas indagações delineamos o objetivo geral da pesquisa: analisar o existencialismo presente na obra “*Esconderijos do Tempo*” de Mário Quintana? Quanto aos objetivos específicos desdobram-se em: identificar aspectos do existencialismo presente em “*Esconderijos do Tempo*”; compreender o contexto social e filosófico no qual se configurou a corrente filosófica Existencialista de Jean Paul Sartre; apontar elementos que contribuem para a caracterização da poesia existencialista de Mário Quintana.

Durante o trajeto investigativo ao qual me propus, tentei elucidar as questões feitas inicialmente. Cabe enfatizar que para subsidiar a pesquisa e validar ainda mais a grandeza do autor em estudo, identifiquei no banco de teses e dissertações da CAPES e da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) 25 pesquisas relativas à produção científica sobre Mário Quintana, com intuito de verificar os estudos realizados no período de 2004 a 2021.

Esses estudos estão distribuídos entre artigos, dissertações e teses, nos quais averigui a importância do tema analisado. A fortuna crítica possibilitou levantar informações sobre meu estudo, mostrando-se como caminho metodológico de grande valia, pois, além de contribuir na organização e análise dos dados, propicia a definição de determinadas áreas de conhecimento (Romanowski, 2006).

Para organizar as pesquisas realizadas, agrupei as publicações utilizando a seguinte nomenclatura: T1, T2, T3, T4 e T5 para teses, D1, D2, D3, D4, D5 e D6

para dissertações, A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11.A12 e A13 para artigos, e E1 para ensaio, de acordo com o Quadro 1.

Quadro 1 – Publicações acerca de Mário Quintana

(continua)

TÍTULO	CÓDIGO	ANO
“Das mudanças do tempo, que ora nos traz esperanças, ora nos dá incerteza”: imagens do Tempo na poesia de Mário Quintana	T1	2019
O universo metalinguístico na obra de Mário Quintana: uma poética da linguagem	T2	2013
A representação do tempo na poesia de Mário Quintana	T3	2000
A expressividade na sintaxe da poesia de Mario Quintana	T4	2000
Poesia e alfabetização: estudo sobre o Batalhão das Letras de Mário Quintana e Pare no P da Poesia de Elza Beatriz	T5	1999
A poesia de Mario Quintana na fronteira infantojuvenil: (re)endereçoamento, recepção e partilha	D1	2021
Ser “livre e liberto como uma asa”: Cronos e a imaginação aérea na poesia de Mario Quintana	D2	2011
Poética de Mario Quintana: uma teoria recortada a partir do Caderno H	D3	2010
"A estranha felicidade da velhice" na poesia de Mario Quintana e de Carlos Drummond de Andrade	D4	2008
Uma leitura do espaço da casa na obra de Mário Quintana: um convite ao devaneio	D5	2007
O gosto do nunca e do sempre: Um estudo sobre o tempo e o espaço na poesia de Mário Quintana	D6	2004
Da harmonia e da cacofonia: metáforas da natureza e da técnica na poesia de Mário Quintana	A1	2020
Mario Quintana: mistério, sonho e puerilidade no espaço moderno	A2	2019
Mário Quintana, resistência e mediação de leitura na escola	A3	2019
A simplicidade sublime da poesia de Mário Quintana	A4	2019
Poesia de Mário Quintana no ensino-aprendizagem de alunos	A5	2018
Uma leitura geográfica da obra de Mario Quintana	A6	2017
A importância da poesia para o ensino de literatura: um olhar sobre a poética de Mário Quintana	A7	2012
Memória e Literatura: contribuições para um estudo dialógico	A8	2011
(Des)Construindo haicais: o entre-lugar na poesia de Mário Quintana e Paulo Leminski	A9	2011
Comunicação a sós: a poesia segundo Mário Quintana	A10	2011

Comunicação como poesia e humor: Mario Quintana	A11	2009
Memória e contemplação no universo de Mário Quintana	a12	2007
Decifrando a cidade: a visão melancólica de Mário Quintana	A13	2006
Mário Quintana: na opção do verso a força mágica da palavra	E1	2012

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa em 2022.

Entre os trabalhos acadêmicos relacionados acima, destacamos as seguintes teses que compuseram uma breve análise comparativa entre os estudos realizados.

Taiane Basgalupp de Vargas, em sua tese de 2019, *Das mudanças do tempo, que ora nos traz esperanças, ora nos dá incerteza: imagens do Tempo na poesia de Mário Quintana* defendeu que o fio condutor que atravessa o conjunto das obras de Mário Quintana são as relações do sujeito lírico, face ao fluir temporal (Vargas, 2019).

Por sua vez, Jose Helder Pinheiro Alves na pesquisa apresentada em 2000, intitulada *A representação do tempo na poesia de Mário Quintana*, mostrou que os diferentes modos de que lança mão o poeta, serve para figurar inquietações que o tempo suscita. Pudemos notar que cada pesquisador, ao investigar o tempo nas poesias de Mário Quintana, constatou nuances diferentes para um mesmo tema, e que cada uma, obedecendo as suas especificidades, logrou êxito ao mergulhar nos quintanares (Alves, 2000).

Rosilene Frederico Rocha Bombini, em seu estudo de 2013, *O universo metalinguístico na obra de Mario Quintana: uma poética da linguagem*, apresentou que a poesia de Quintana se desenvolveu ao longo de sua carreira, possibilitando o fortalecimento da consciência poética do autor (Bombini, 2013); e Letícia Paula de Freitas Peres, em seu estudo datado de 2000, *A expressividade na sintaxe da poesia de Mario Quintana*, delineou alguns traços de estilo na sintaxe da poesia de Mario Quintana (Peres, 2000).

Ana Maria Bonato Garcez Yasuda, no trabalho apresentado em 1999, *Poesia e alfabetização: estudo sobre o Batalhão das Letras de Mário Quintana e Pare no P da Poesia de Elza Beatriz* analisou os livros de poesia dos autores referidos, buscando uma relação entre os poemas e suas respectivas ilustrações (Yasuda, 1999).

Nas dissertações analisadas, Fred de Souza Campos, no estudo feito em 2021, *A poesia de Mario Quintana na fronteira infantojuvenil: (re)endereçoamento, recepção e partilha*, demonstrou que, embora a questão mercadológica presente no processo de transposição ao leitor infantil seja relevante, o texto não é coadjuvante nessa relação entre literatura, partilha, recepção estética e mercado (Campos, 2021).

Por sua vez, Taiane Porto Basgalupp, em seu primeiro estudo realizado, em 2011, *Ser “livre e liberto como uma asa”: Cronos e a imaginação aérea na poesia de Mario Quintana sobre as poesias de Quintana*, mostrou o poder da imaginação dinâmica na luta contra Cronos – o Deus do Tempo – numa trilogia de obras produzidas em um intervalo de dez anos, quais sejam: *Apontamentos de História Sobrenatural* (1976), *Esconderijos do Tempo* (1980) e *Baú de Espantos* (1986) (Basgalupp, 2011).

Daiane Pedroti Venturin em *Poética de Mario Quintana: uma teoria recortada a partir do Caderno H*, 2010, recortou uma teoria poética quintaniana, a partir de seus textos do Caderno H, obra singular do autor, que apresenta diversos elementos para se pensar a poesia (Venturin, 2010).

Em *"A estranha felicidade da velhice" na poesia de Mario Quintana e de Carlos Drummond de Andrade*, Nathalia Sabino Ribas, 2008, analisou as operações e os procedimentos por meio dos quais os textos poéticos selecionados de Quintana retomam o envelhecimento, tema abordado, presente nas poesias dos autores (Ribas, 2008).

Nedli Magalhães Valmorbida, em sua dissertação de 2007 intitulada *Uma leitura do espaço da casa na obra de Mário Quintana: um convite ao devaneio*, examinou um aspecto particular da temática do escritor – a casa, espaço pleno de simbolismo, carregado de significados mágicos e elemento recorrente em sua criação poética (Valmorbida, 2007).

E Marília Correa Machado, na dissertação defendida em 2004, com o título *O gosto do nunca e do sempre: Um estudo sobre o tempo e o espaço na poesia de Mario Quintana*, analisou como o tempo e o espaço se desdobram na temática do cotidiano (Machado, 2004).

Constatamos que os estudos selecionados anteriormente abordam produções com diferenças em relação ao tempo e momento de escrita do autor, cada um carrega em si significações que correspondem aos anseios de estudo e

investigação de seus autores, pois pesquisar sobre o autor traz consigo suas interrogações em busca de uma resposta as suas pretensões, mas que se transformam em novas perguntas, devido à fluidez que emana das composições do autor.

Para dinamizar a compreensão, fizemos o Quadro 2 que colaborará para a apreensão da amplitude dos estudos que são feitos acerca da obra poética de Quintana.

Quadro 2 – Publicações a acerca da obra de Quintana

(continua)

CÓDIGO	TÍTULO	LOCAL	INSTITUIÇÃO	ANO	OBJETIVO DA PESQUISA
T1	"Das mudanças do tempo, que ora nos traz esperanças, ora nos dá incerteza": imagens do Tempo na poesia de Mario Quintana	Rio Grande	Universidade Federal do Rio Grande	2019	Compreender o processo de (re)imaginação de um sujeito lírico que intenta (re) inventar-se.
T2	O universo metalinguístico na obra de Mário Quintana: uma poética da linguagem	Araraquara	Universidade Estadual Paulista	2013	Apresentar como a poesia de Mário Quintana se desenvolveu ao longo de sua carreira possibilitando o fortalecimento da consciência poética do autor.
T3	A representação do tempo na poesia de Mário Quintana	São Paulo	Universidade de São Paulo	2000	Mostrar os diferentes modos de que lança mão o poeta para figurar inquietações que o tempo suscita.
T4	A expressividade na sintaxe da poesia de Mario Quintana	São Paulo	Universidade de São Paulo	2000	Delinear alguns traços de estilo na sintaxe da poesia de Mário Quintana.
T5	Poesia e alfabetização: estudo sobre o <i>Batalhão das Letras</i> de Mário Quintana e <i>Pare no P da Poesia</i> de Elza Beatriz	São Paulo	Universidade de São Paulo	1999	Analisar os livros de poesia para criança <i>O Batalhão das Letras</i> , de Mário Quintana, e <i>Pare no P da Poesia</i> , de Elza Beatriz Von Dollinger de Araújo, e a relação entre os poemas e suas respectivas ilustrações.
D1	A poesia de Mário Quintana na fronteira infantojuvenil: (re)endereçoamento, recepção e partilha	Rio de Janeiro	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2021	Demonstrar que, embora a questão mercadológica no processo de transposição ao leitor infantil seja relevante, o texto não é coadjuvante nessa relação entre literatura, partilha, recepção estética e mercado.

Quadro 2 – Publicações a acerca da obra de Quintana

(conclusão)

CÓDIGO	TÍTULO	LOCAL	INSTITUIÇÃO	ANO	OBJETIVO DA PESQUISA
D2	Ser "livre e liberto como uma asa": Cronos e a imaginação aérea na poesia de Mário Quintana	Porto Alegre	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2011	Mostrar o poder da imaginação dinâmica na luta contra Cronos – o Deus do Tempo – numa trilogia de obras produzidas num intervalo de dez anos: <i>Apontamentos de História Sobrenatural</i> (1976), <i>Esconderijos do Tempo</i> (1980) e <i>Baú de Espantos</i> (1986).
D3	Poética de Mário Quintana: uma teoria recortada a partir do <i>Caderno H</i>	Caxias do Sul	Universidade de Caxias do Sul	2010	Recortar uma teoria poética quintaniana a partir de seus textos do <i>Caderno H</i> , obra singular do autor, que apresenta diversos elementos para se pensar a poesia.
D4	"A estranha felicidade da velhice" na poesia de Mario Quintana e de Carlos Drummond de Andrade	Passo Fundo	Universidade de Passo Fundo	2008	Analisar as operações e os procedimentos por meio dos quais os textos poéticos selecionados retomam o tema em foco.
D5	Uma leitura do espaço da casa na obra de Mário Quintana: um convite ao devaneio	Santa Cruz do Sul	Universidade de Santa Cruz do Sul	2007	Examinar um aspecto particular da temática do escritor - a casa, espaço pleno de simbolismo, carregado de significados mágicos e elemento recorrente em sua criação poética.
D6	O gosto do nunca e do sempre: Um estudo sobre o tempo e o espaço na poesia de Mário Quintana	Florianópolis	Universidade Federal de Santa Catarina	2004	Analisa como o tempo e o espaço se desdobram na temática do cotidiano.

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa, em 2022.

Embasada no levantamento acima da fortuna crítica que corroborou para as indagações e na pergunta norteadora deste estudo que se realizou, na perspectiva existencial de Jean Paul Sartre, faremos uma discussão preliminar que se desenvolverá no decorrer dos capítulos que se encadeiam em nossa análise.

No primeiro capítulo, intitulado “MÁRIO QUINTANA: Literatura, Memória e Existência”, fizemos uma digressão sobre a obra *Esconderijos do Tempo* e seu autor Mário Quintana inserido em sua época e a partir da qual produziu uma poética da vida, da memória e de suas instâncias; uma produção literária rica e original que viria a influenciar o estilo de muitos escritores e inaugurar um novo momento para o Modernismo em nossa literatura.

No segundo capítulo, denominado “SARTRE E O EXISTENCIALISMO: apontamentos para uma poética do ser”, apresentamos uma discussão sobre o contexto social e filosófico no qual se configurou a corrente Existencialista de Jean Paul Sartre, momento em que também identificamos os aspectos do existencialismo na obra *Esconderijos do Tempo*, considerando a época em que a obra foi produzida e as possíveis influências que Mário Quintana teve daquela corrente filosófica.

No terceiro e último capítulo, *DE SARTRE A QUINTANA: a Filosofia Existencial*, abordamos os elementos que contribuem para a caracterização da poesia existencialista de Mário Quintana, de sorte que nossa crítica vise neste contributo, ao resgate e divulgação da obra de Quintana, poeta pouco comentado, que traz em seu discurso poético reflexões acerca de conflitos humanos tão antigos quanto à própria existência.

O poeta é belo

O poeta é belo como o Taj-Mahal
feito de renda e mármore e serenidade

O poeta é belo como o imprevisto perfil de
uma árvore
ao primeiro relâmpago da tempestade

O poeta é belo porque os seus farrapos
são do tecido da eternidade.

2 MÁRIO QUINTANA: literatura, memória e existência

Acontecimentos extraordinários, no campo da ciência e da tecnologia, marcam o início do século XX na Europa. Conquistas como o automóvel e o avião confirmam o notável desenvolvimento tecnológico da época. Tais avanços, quer sejam no pensamento, na ciência e na tecnologia, aguçam a euforia em que mergulhou a sociedade europeia no início do século XX (*Belle Époque*).

Entretanto, o clima eufórico, outrora experimentado, é, com a deflagração da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), substituído por constantes sobressaltos “que geram inquietude, niilismo, desequilíbrio [e] descrença em relação aos sistemas sociais, políticos e filosóficos” (Pinto, 1998, p. 52). Como em todo contexto de crise, o homem passa a questionar os valores ora vigentes.

A arte, como não poderia deixar de ser, materializa toda a inquietude e descrença em que mergulhou a humanidade. Surgem, assim, as mais diversas formas de expressão: o Cubismo (1907), o Expressionismo (1910), o Futurismo (1907), o Dadaísmo (1918) e o Surrealismo (1924). Esses movimentos da vanguarda europeia repercutirão, sobremaneira, na mentalidade dos intelectuais brasileiros do século XX.

A desordem que predomina no contexto urbano transparece nos versos das poesias. Os objetos “jogados” no mundo contemporâneo são recriados sem ordem nem pontuação, de maneira tão caótica que o indivíduo não tem mais pontos de referência confiáveis. Em meio à desordem e ao dinamismo, surgiram formas artísticas e literárias inovadoras que costumam ser reunidas num amplo movimento conhecido como vanguardas europeias, cujas propostas criaram condições para o advento do Modernismo.

Para ilustrar este aspecto, cito Bandeira (2007, p. 64-65), que destaca:

Com efeito, em 1918 é que surge o *dadaísmo*, que foi como que uma campanha de destruição de todos os valores, inclusive os da sintaxe tradicional, e cujos principais cultores foram Tristan Tzara, Francis Picabia, André Breton e outros. Ao dadaísmo sucedeu um movimento construtivo que se intitulou *surréalism* (suprarrealismo) e cujo chefe foi Breton, em torno do qual se gruparam Louis Aragon, Paul Eduard, Philippe Soupault etc. [...] Para escrever o poema deve o poeta colocar-se em estado de passividade completa e grafar o que lhe passa na mente, sem permitir que a inteligência crítica intervenha para corrigir ou dirigir.

Com a Semana de Arte Moderna, consolida-se, no cenário artístico e literário brasileiro, o Modernismo, designação genérica atribuída a um numeroso

grupo de correntes estéticas de vanguarda, do início do século XX, cuja maior preocupação foi reagir contra o passado, a tradição, o conformismo estético e o academicismo, entre outros. Tal movimento literário brasileiro costumeiramente encontra-se dividido em três fases ou gerações.

Para este momento também recorreremos a Bandeira (2007, p. 66), quando aduz que,

Do ano de 1922 podemos datar o modernismo brasileiro como um movimento organizado (o que houve antes dele foram apenas notas isoladas de poetas que procuravam libertar-se das influências parnasianas e simbolistas). De fato, em fevereiro daquele ano o grupo paulista composto de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Paulo Prado, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia e outros, em combinação com artistas do Rio, Di Cavalcanti, pintor, de quem partiu a ideia...Promoveram no Teatro Municipal de São Paulo a chamada 'Semana de Arte Moderna' com exposição de artes plásticas, concertos, conferência e declaração [...].

Destaca-se a “Geração de 30”, caracterizada pelo surgimento de uma literatura moderna alicerçada tanto na poesia quanto na prosa, e que começou a definir os rumos realmente construtivos do Modernismo. É a época em que a prosa e a poesia buscam fundamentos para a existência humana, traduzidos pela preocupação com os conflitos em curso, com os problemas da sociedade capitalista, enfim, com o “desconcerto do mundo”. São seus principais representantes, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima e Murilo Mendes, entre outros.

Mário Quintana situa-se no Modernismo por ser “antes de tudo moderno, e o seu contato com a literatura moderna se faz sobretudo, através dos simbolistas franceses” (Yokozawa, 2006, p. 31). Herdeiro do Simbolismo, na sua faceta sentimental, dele diria com muita propriedade Meyer (1981, p. 20): “não sei de outro poeta em que o poema seja uma consubstanciação tão perfeita entre viver e cantar, entre sofrer e vivendo e sofrer cantando”.

O introspectivismo, a ternura derramada sobre os acontecimentos do dia a dia, casa-se com certa afinidade parnasiana, mas apenas pelo lado da expressão, sendo que esta característica e outras serão vistas no decorrer desta dissertação.

Mário Quintana (1906 – 1994) teve suas primeiras composições vindas à lume no ano de 1930, por meio da revista *Globo* de Porto Alegre. Contudo, seu primeiro livro de poesia, *A Rua dos Cataventos*, é de 1940.

É comum a crítica literária debater-se acerca da obra de Quintana – seria neosimbolista? Ou romancista tardio? Ou surrealista? Ou modernista? Embora não fosse adepto de nenhuma escola, o escritor frequentava a todas indistintamente.

“Isso sem sacrificar a alma boêmia das ruas, as quais ocupou ora de corpo inteiro, ora espiando-as através das muitas janelas que abriu nos seus poemas”, argumenta Pinto (1998, p. 23).

Yokozawa (2006, p. 27) corrobora com esse pensamento ao escrever que

É verdade que Quintana não foi um poeta de equipe, não aderiu incondicionalmente a modismos poéticos apenas para estar em dia com o último ismo, nem assumiu a atitude combativa dos primeiros modernistas para com as formas antigas. Mas é verdade também que ele não foi imune ao espírito artístico de sua época. Homem do século XX que viveu a modernização crescente das cidades, a disparada do progresso técnico e científico em detrimento da valorização do humano e das individualidades, ele fez coro aos seus contemporâneos e disparou seu grito de horror contra a ideologia, de modo a fazer da sua estética, a sua ética, a sua política.

A confusão de influências atordoou a recepção acadêmica. Mesmo recebendo a simpatia de escritores como Drummond, Bandeira, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, e a adesão de críticos como Fausto Cunha e Augusto Meyer, Quintana foi um caso de reconhecimento de fora para dentro. Em primeiro lugar, do público. A torcida o escalou antes do técnico.

De acordo com o professor e jornalista paraibano, Pinto (1998, p. 24), Massaud Moisés, até a 9ª edição de *A Literatura Brasileira Através dos Textos* (2012), resistiu o quanto pôde, bravamente até, para incluir Mario Quintana no “painel altamente representativo da diversidade, riqueza e valia das manifestações do gênio literário no Brasil”.

E assim procedeu, quem sabe, por nutrir um certo ranço preconceituoso com relação à poesia lírica, gênero, segundo ele, subordinado à fase da adolescência, da imaturidade emocional, enquanto o épico assinalaria o momento em que o poeta alcança a maturidade interior (Pinto, 1998, p. 24).

Já no volume VII da *História da inteligência no Brasil*, Martins (2010) faz menção à coletânea *Do Sentimento do Mundo* (1940), de Carlos Drummond de Andrade, lançada no mesmo ano de *A Rua dos Cata-ventos*, do poeta gaúcho, para estabelecer um paralelo entre os dois livros.

Segundo Pinto (1998, p. 28), “O crítico e professor parece insinuar que o sentimento de Drummond era tão vasto quanto o mundo, ao passo que o de Quintana, de tão insignificante, apenas cabia nos estreitos limites de uma rua: a dos Cata-ventos”.

Vale ressaltar que não são todos os teóricos que o ignoram, pois, Alfredo Bosi, segundo Pinto (1998), por sua vez, conclui que o poeta encontrou fórmulas felizes de humor sem sair do clima neosymbolista que condicionara a sua formação.

Para tanto, Pinto (1998, p. 26) afirma que

No caso, porém, quando emprega o vocábulo fórmulas, Bosi simplesmente parece aprisionar Quintana à ditadura das fôrmas em contraposição à maleabilidade das formas. Ou sugerir, ainda, que o feiticeiro Quintana teria descoberto uma fórmula mágica capaz de fabricar poemas em série, todos monocórdios porque contaminados por uma compulsão tautológica. Daí por que, sobre Quintana, talvez fosse mais pertinente afirmar: saiu da atmosfera neo-symbolista que condicionara a sua formação por descobrir formas felizes de humor.

Não será a posteridade que acovardará Mario Quintana. Em vida, sobreviveu ao fogo em quatro infortúnios: a primeira vez na adolescência, no Colégio Militar, em que perdeu seus documentos e seus primeiros textos publicados; a segunda, em uma pousada em Gramado, ao tentar enganar a luz forte do abajur com papel; as outras duas aconteceram na velha pensão em que morava, nos anos 50 e 60, em que um incêndio destruiu seus livros e anotações, juntamente com os móveis. Sua alma de poeta era a de um “piromaníaco”: esteve na vida para arder, e fazer arder.

Estes são alguns enfoques sobre o poeta Quintana, gaúcho de Alegrete, que se apresenta para muitos leitores “de primeira viagem” e até mesmo para aqueles mais habituados ao trato com as letras. Portanto, utiliza em seus poemas palavras e situações extraídas do nosso cotidiano, como um poeta bastante simples.

Poetas como Cora Coralina, Conceição Evaristo, Adélia Prado, Hilda Hirst, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Ferreira Gullar dentre outros, comungam das mesmas temáticas cotidianas, retratadas pelo autor, buscando em seu lugar de origem, em questões do existir, a sua inspiração do “ser” humano em sua essência mais simples, no entanto mais densa.

Entretanto, à medida que se desvenda o seu universo poético, deparamo-nos com uma estrutura poética na qual, em suas entrelinhas, são detectados dados que remetem a um estudo de psicologia humana, bem como a profunda reflexão filosófica.

Tais descobertas apontam para um leque de possibilidades que resultam no que muitos especialistas denominam de “simplicidade complexa” a que Assis Brasil soube tão bem captar ao declarar que, “Mário Quintana é o poeta do

cotidiano, embora faça uma poesia de inquirição profunda; poesia das imagens, lírica, comprometida com o mistério” (Brasil, 1998, p. 227).

Em seus poemas, o “*lírico do Alegrete*”, como também é nominado, além de o “poeta das coisas simples”, em razão de ter nascido na cidade de Alegrete-RS, Quintana constantemente retrata em sua obra o cotidiano de Porto Alegre, em cujos céus contemplam “Os mais belos crepúsculos do mundo!” (Quintana *apud* Moisés, 2019, p. 348).

Outro detalhe delineado na poética de Quintana é a alternância entre os versos livres e os poemas de forma fixa, com especial destaque aos sonetos. A predileção pelos sonetos, vista em Mário Quintana, talvez encontre sua explicação na confluência de forças parnasianas nele observada.

Entretanto, em Quintana, o soneto perde toda a rigidez característica do Parnasianismo, adquirindo, então, uma fluidez que é própria do “fenômeno Quintana”, como percebe-se na poesia “*O Baú*”, de *Esconderijos do Tempo*. Há ainda no poeta gaúcho, elementos que notadamente o comunicam com o Simbolismo, especialmente pelo clima de “sugestão” que reina em seu universo poético.

O Baú

Como estranhas lembranças de outras vidas,
que outros viveram, num estranho mundo,
quantas coisas perdidas e esquecidas
no teu baú de espantos... Bem no fundo,

uma boneca toda estraçalhada!
(isto não são brinquedos de menino...
alguma coisa deve estar errada)
mas o teu coração em desatino

te traz de súbito uma ideia louca:
é ela, sim! Só pode ser aquela,
a jamais esquecida Bem-Amada.

E em vão tentas lembrar o nome dela...
e em vão ela te fita... e a sua boca
tenta sorrir-te mas está quebrada! (Quintana, 2007, p. 480).

Além da fluidez e da espontaneidade do soneto chama a atenção, a sua despreocupação com a métrica, rompendo com a estrutura formal do poema.

Por formação ou talvez por escolha, conservou-se Quintana “alheio” ao Modernismo, preferindo o cultivo de uma poesia que negasse qualquer rotulação temporal a ela imposta, ou seja, de uma poesia que “não cabia nenhuma receita ou formulário do momento” (Meyer *apud* Cunha, 1978, p. 223).

Entretanto, cronologicamente, poderia o poeta gaúcho ser incluído na chamada “geração de 45”, cuja característica maior era se opor, reagir contra os excessos cometidos pelos modernistas que se destacavam principalmente pelo desapego à forma, pela busca de uma linguagem “genuinamente brasileira”. Era a reação contra o “poema-piada” e o desleixo formal da geração de 22.

E por falar de Modernismo e uma linguagem “genuinamente brasileira”, cabe tergiversar sobre este período do qual Quintana, assim como o eminente escritor e crítico literário de seu tempo, Lima Barreto, não se submeteram. Por caracterizar o Modernismo, em muitos pontos, exatamente o contrário da proposta que era a de representar a identidade poética nacional. Pois ocorre, para citar Barreto, que a Semana da Arte Moderna e seu conseqüente “modernismo linguístico” se tratou de um “futurismo” vindo do estrangeiro e, portanto, nada tinha de tão nacional.

Destarte, podemos vislumbrar como poética brasileira, e, mais ainda, sertaneja, a poesia de Patativa do Assaré. Com toda certeza ele seria obscurecido e sequer teria espaço na literatura elitizada, na qual padeceu Barreto como *persona non grata*, ainda com toda boa educação nas letras que cultivou. Escritor negro e do povo, Barreto, por mais estes motivos, receberia com ímpeto o desprezo dos escritores que formaram a Semana da Arte Moderna à qual ferrenhamente criticou em seus escritos e nos espaços literários onde gozava simpatia.

Patativa do Assaré com suas trovas populares e Carolina de Jesus em seu *Quarto de Despejo* (1960) começariam a mostrar as veias abertas do Brasil em seus segmentos artísticos e literários como nenhum outro escritor ou escritora na literatura nacional. Iniciaríamos então, uma versatilidade literária que denunciaria os desmandos no Brasil, as desigualdades sociais, a seca no semiárido nordestino e a questão agrária nunca resolvida.

Os pobres, pretos e as mulheres ressurgem na história nacional não mais como marginais, senão como fazedores de sua própria história e atores principais delas, sem que os brancos os pintassem com as cores da marginalização e do racismo estrutural.

Em “*Cante lá, que Eu Canto Cá*”, Assaré (2014) expressou a mais bela lição sertaneja em prol de sua terra e sua identidade nordestina, contra a alienação e muitas vezes contra um “desenvolvimento” intelectual, linguístico então, que só rechaçava a característica regional de um povo e sua cultura, em vez de lhe incluir com sua autenticidade.

Se aí você teve estudo,
Aqui Deus me ensinou tudo
Sem de livro eu precisá
Por favô, não mêxa aqui
Que eu também não mexo aí
Cante lá que eu canto cá (Assaré, 2014, p. 20).

A trova popular, o repente, o baião, em suma, toda a poesia de cordel passada de geração em geração, com seus dizeres e bordões, são a riqueza linguística de um povo; seu legado; sua memória através da palavra, da musicalidade. São os meios criativos de um povo que não se esquece daquilo que são e a que lugar pertencem.

Resta-nos saber se as produções literárias de nosso tempo farão uma reflexão de nossa história, e mesmo de seu presente, como uma exigência ética de si. É fato que para tanto há mister uma educação, ou mesmo uma vivência do que é o seu povo. Ouvir as vozes da sociedade em derredor para poder representá-la. Ora, não é assim que todo poeta ou literato faz ou deveria fazer?

Uma sociedade dedicada à leitura, que tenha gosto de ler os seus, será com sucesso uma “Atenas brasileira” e, deste modo, levará não o mito de origem adiante, mas construirá seu próprio nome e o do seu povo. Formar jovens, educar para o futuro, dando incentivo para a nova literatura nacional, será sempre o desafio para manutenção da memória de um povo, de sua identidade e história.

Todo este esforço, por mais incompreendido que seja por uma sociedade adormecida, há de ser o caminho que lhe salvará da destruição e do esquecimento. Ademais, uma sociedade sem memória está fadada à alienação, e alienar-se de si é estar perdido e longe de qualquer progresso.

E é para esta memória e identidade em seu matiz existencial que surge a poesia de Mário Quintana, preenchendo um espaço e traduzindo um vazio brasileiro que poucos poetas ocuparam.

Quintana (2001), em sua obra ora analisada, ecoa esta memória da existência em seu tempo. Ele não deixa passar sem registro estes locais da memória

nacional e aqui trazemos, para demonstrar essa prova cabal de uma singularidade poética que marca o tempo e sua memória em seu lugar: o campo. Este lugar onde as vísceras da brasilidade com seu verde, com sua fertilidade agrária e com seu conservadorismo religioso viceja e expande-se, consolidando uma marca de nosso país.

As cidades pequenas

As moças das cidades pequenas
com o seu sorriso e o estampado claro de seus vestidos
são a própria vida. Elas
é que alvorotam a praça. Por elas
é que os sinos festivamente batem, aos domingos.
Por elas, e não para a missa! ... Mas Deus não se importa...
[Afinal,

só nessas cidadezinhas humildes
é que ainda o chamam de Deus Nosso Senhor... (Quintana,
2007, p. 483)

Portanto, para reproduzir o Brasil real e suas vibrações, é preciso sentir a sua verdade nascente, e tal representatividade só seria possível isenta de uma mentalidade colonial e de um compromisso com o sentimento popular campesino. E é ao contrariar o estilo modernista que Mário Quintana expõe uma fúria existencialista necessária e sempre bem-vinda. A sua impressão do campo, fonte da vivacidade nacional, das resistências que são e que foram desde a resistência tupinambá à resistência preta, o lugar da memória e da vida brasileira longe do avanço tecnológico burguês e sua produção de desigualdades e fome. Ora, e não é do campo que vem não apenas a característica psicológica sertanista nacional, como o próprio sustento do corpo e da alma brasileiros?

Não é de se admirar tamanha expressão do sentimento nacional interpretado, dado e observado em Mário Quintana, com uma sonoridade filosófica com o existencialismo de Sartre, pois somente na literariedade dos “condenados da terra”, para citar Fanon (2020) – que não só padeceram a escravidão, mas toda sorte de sevícias: a diáspora e a limpeza étnica ainda em curso no Brasil – é que se pode reconstruir a alma desta memória e existência tão latentes em nossa cultura e que enriquecem por sua vez nossa literatura. Sobre isso quando ele argumenta:

Na verdade, o progresso da consciência nacional no povo modifica e define as manifestações literárias do intelectual colonizado. A coesão persistente do povo constitui para o intelectual um convite para ir mais além do grito. O

lamento dá a vez à acusação e à chamada. No período seguinte, aparece a palavra de ordem. A cristalização da consciência nacional transformará os géneros e os temas literários e, simultaneamente, criará um novo público. Enquanto no princípio o intelectual colonizado produzia exclusivamente para o opressor, seja para o atrair ou para o denunciar através de categorias étnicas ou subjetivistas, adota progressivamente o hábito de se dirigir ao seu povo (Fanon, 2020, p. 127-129).

O sentimento de brasilidade, a expressão de dor, alegria, a própria cultura nacional só adveio daqueles que fatalmente construíram o folclore e a arte brasileira, contribuindo sobremaneira e unicamente com aquilo que viria a ser e ter um status de nação.

Mário Quintana compreende essa complexidade e coloca-a serviço do sentimento alquebrado brasileiro; toca na profundidade de uma vivência em que observar e sentir são a tradução de uma existência na qual se abate os flagelos da vida, como retrata no poema “Casa grande”. Nesse poema, poetiza sobre os impactos das mudanças temporais, a partir de uma perspectiva de sua existência presente como indivíduo e que repercute na memória do passado ao trazer ao leitor essa imagem nítida de um “esconderijo” no tempo em que se insere e faz parte.

A casa grande

... mas eu queria ter nascido numa dessas casas de meia-água
com o telhado descendo logo após as fachadas
só de porta e janela
e que tinham, no século, o carinhoso apelido
de cachorros sentados.
Porém nasci em um solar de leões.
(... escadarias, corredores, sótãos, porões, tudo isso...)
Não pude ser um menino da rua...
Aliás, a casa me assustava mais do que o mundo, lá fora.
A casa era maior do que o mundo!
E até hoje
— mesmo depois que destruíram a casa grande —
até hoje eu vivo explorando os seus esconderijos... (Quintana,
2007, p. 479).

Mário Quintana se vê como indivíduo de um coletivo, parte de uma sociedade, como a consciência das transformações da realidade do cotidiano, no espaço em que se insere, decorre diretamente das relações interpessoais, de sua existência como ser social e individual

O autor direciona o olhar para as desigualdades, para os extremos da vida nacional que, de um lado, é marcada do sangue e do suor autóctone, da dor e

do sofrimento diasporado negro; das canções, dos dizeres e de todo o encantamento de mulheres e homens vilipendiados pelo pensamento e tirania colonial. De outro lado, a vida abastada, a “casa grande” e seu espaço colossal que assusta o poeta na busca de um esconderijo no meio dessa vastidão.

Sabemos que falar de si e de seu povo requer um conhecimento que é da própria vivência de cada um inserido em seu meio. De Machado de Assis a Jorge Amado, de Aluísio Azevedo a Nelson Rodrigues, cada um expressou os costumes e as formas de ser da nossa brasilidade.

Mas se o que é original é aquilo que já é e representa o Brasil, aquilo que já se encontrava presente quando os colonizadores aportaram no seu “descobrimento”, então esse Brasil autêntico e nu está bem representado na poesia de Mário Quintana, quando faz uma elegia, por exemplo, a esta noite brasileira tão fiel ao sentimento sertanista, do campo, das serras nacionais:

A noite grande

Sem o coaxar dos sapos ou o cri-cri dos grilos
 como é que poderíamos dormir tranquilos
 a nossa eternidade? Imagina
 uma noite sem o palpitar das estrelas
 sem o fluir misterioso das águas.
 Não digo que a gente saiba que são águas
 estrelas
 grilos...
 — morrer é simplesmente esquecer as palavras.
 E conhecermos Deus, talvez,
 sem o terror da palavra DEUS (Quintana, 2007, p. 482).

Portanto, há nos poemas de Mário Quintana essa essência sublime que interpreta com um sentimento de infância esse resgate da subjetividade do outro e que nos remonta ao elo que buscamos na referência existencial de Jean Paul Sartre. De maneira que Sartre (2015, p. 72) nos responde a esta sensação poética nestes termos

[...] a subjetividade é viver o seu ser, vive-se o que se é, e o que se é em uma sociedade, pois não conhecemos outro estado do homem; ele é precisamente um ser social, ser social que, ao mesmo tempo, vive a sociedade inteira do seu ponto de vista. Considero que um indivíduo, seja ele quem for, ou um grupo, ou um conjunto qualquer, é uma encarnação da sociedade total enquanto ele tem de viver o que ele é. Aliás, é apenas porque podemos conceber o jogo dialético de uma totalização de envolvimento, isto é, de uma totalização que se estende ao conjunto social, e de uma totalização de condensação, o que chamo de encarnação, que faz com que cada indivíduo seja, de certo modo, a representação total de sua

época. É apenas por causa disso que se pode conceber uma verdadeira dialética social; em tais condições, considero que essa subjetividade social é a própria definição da subjetividade. A subjetividade no nível social é uma subjetividade social.

E não é desta forma que Mário Quintana nos dá sua poesia? De um modo profundamente subjetivo tal qual ela é? Colocando-se de tal maneira no lugar do outro como evoca assim sua “casa grande” a um contrário que seria o lugar pequeno e recluso: a senzala. Este espaço delimitado do outro que não têm onde esconder-se como o teria no espaço maior da casa grande? Estaria Mário Quintana de modo sutil nos trazendo esta reflexão existencial da sua vida e da do outro que não teria os mesmos regalos e estaria assim, subjetivamente nos concatenando com uma alteridade própria da produção poética?

Para entender e sentir o Brasil é preciso libertar-se da escravidão colonial presente na linguagem. E assim fez Lima Barreto, Maria Firmina, Patativa do Assaré, João do Vale, Carolina de Jesus e tantos outros poetas e escritores brasileiros, digo, com uma escrita revolucionária e anticolonial. E neste contexto, Mário Quintana deu enorme contributo, falando da alma nacional, do sentimento do próprio poeta em sua escrita para libertar-se destas e de outras algemas que aprisionam o ser humano em sua trajetória pelo nada, por esse devir niilista na busca de si onde o homem é aquilo que se propõe; é aquilo que se constrói a ser.

No mais, o contrário da identidade brasileira tem sido constantemente um bovarismo, uma tendência a se figurar “nobre”. Este “hermetismo” piegas talvez seja um caminho onde muitos poetas, ainda hoje, tendam a enveredar. Mas a poesia sempre será este caminho para si e para um reencontro, de modo que uma escrita difícil acaba por se tornar um enigma só perceptível mais a quem escreve e menos para quem o lê, principalmente os que são educados num ensino antinacional, sem apreço pelo linguajar do seu povo e que são forjados na adoração da linguagem inacessível. Estes, por sua hora, muitas vezes sem condições de atingir o signo e diante das dificuldades de acesso, “divinizarão” ou “blasfemarão” do que não compreendem. Assim, temos visto um uso desnecessário de firulas, termos antiquados e mal imbuídos que mais atrapalham a catarse do que a promovem.

A expressão da terra, a luta contínua por saber e formar uma cultura autêntica e que não necessariamente una a todos em tese, mas que em cada região onde há a marca da humanidade, do sofrimento, do suor e sangue ecoando como

lamento, memória e transcendência nacional, como o símbolo da brasilidade, da força e alma do Brasil esquecido e ultrajado pelas técnicas de supressão, apagamento, o dever da literatura será proceder com esta pujança criativa.

Se um poeta verdadeiramente canta sua terra, o povo saberá e a plenitude de sua criação será assim conhecida, pois se comunicou com a alma nacional de maneira autêntica e sincera.

O caminho para este trunfo e para a manutenção de um humanismo da existência devem também estar atentos à memória do povo, à história do Brasil contada por sua gente e traduzida por este xamã que é o poeta.

Um escritor e poeta deve, sobretudo, ouvir e conhecer a alma de seu povo, de sua gente, em seu local de nascimento, em sua rua, em sua cidade ou interior. O Brasil real está vivo com seus cidadãos e é mister a cada dia lhe dirigir o olhar. Eis o nosso papel em resgatar Mário Quintana e suas expressões existenciais que delineiam uma poética filosófica para a vida e para a morte, como ele mesmo diz ser o dever do poeta, compreendendo estar neste dever o próprio encontro consigo e o caminho de uma ética de si. Pois quando o poeta canta sua existência está cantando a si mesmo em sua verve

O poeta canta a si mesmo

O poeta canta a si mesmo
 porque nele é que os olhos das amadas
 têm esse brilho a um tempo inocente e perverso...
 O poeta canta a si mesmo
 porque num seu único verso
 pende — lúcida, amarga —
 uma gota fugida a esse mar incessante do tempo...
 Porque o seu coração é uma porta batendo
 a todos os ventos do universo.
 Porque além de si mesmo ele não sabe nada
 ou que Deus por nascer está tentando agora ansiosamente
 [respirar
 neste seu pobre ritmo disperso!
 O poeta canta a si mesmo
 porque de si mesmo é diverso (Quintana, 2007, p. 489).

O poema evoca a paz, tendo como veículo a linguagem que diz de si mesma, ou seja, há um chamado e mesmo condução a um mundo que se materializa em paralelo, mas que ao mesmo tempo dialoga, por meio dos

significados que podem ser apreendidos a partir da poesia de Quintana, com o mundo real.

Ao cantar sobre o próprio eu, Quintana expressa o significado da própria vida, em confronto com um mundo que, muitas vezes, apresenta-se diverso e contraditório. Neste sentido, o poeta busca que o leitor veja a si mesmo, por meio da própria subjetividade, sendo então imprescindível a interação entre o que cria e aquele que lê.

Em Quintana (2013, p. 60), observamos uma simplicidade. Esta simplicidade da arte poética mostra-se preocupada com o momento, com a memória e com este instante da existência que unicamente e sempre é o que importa: o agora. Porque o coração do poeta “é uma porta batendo a todos os ventos do universo”.

De qualquer maneira é esta existência no seu tempo, refletindo os valores de sua época sem materializar com tantas evidências, mas com um estilo próprio, rico, e com a leveza do ser que Mário Quintana, em seu *Esconderijos do Tempo* nos traz essa crise, a vivência e o olhar de uma existência traduzida na arte que se expressa e deixa levar o leitor na opulência abissal do nada, do ser em relação com a vida e a morte, com a sorte de viver bem e não viver, ao menos de acordo com um cotidiano de privações (Bandeira, 2007).

O poeta, porém, não se vê enquanto ser único que reverbera e para o qual sua poesia é fundamental; pelo contrário, sente necessidade e se mostra, poeticamente, a partir do se colocar no lugar do outro. O outro é um tema presente na poesia de Quintana em que a existência, em suas variadas formas, não deixa de ser uma ponderação sobre a realidade e as vicissitudes da tragédia humana. Para Quintana, a compreensão de si mesmo se dá para além da própria percepção. Ela se realiza a partir do entendimento de si e do mundo, em uma ação coletiva, em que o locutor, representado pelo poeta, dialoga com o interlocutor (o sujeito que penetra em sua poética), havendo assim, um entendimento de si e do mundo a sua volta.

Porque aquilo que escrevemos não nos pertence, pertence ao coletivo e é, por vezes, o acumulado das vivências universais. O escritor, poeta, como um xamã, deve atender a esse chamado popular e coletivo. Ele é um instrumento por onde o espírito do tempo permeia e publiciza a verdade histórica, a sua mensagem para a contemporaneidade, incubada como profecia, revelada no cotidiano, despertada pelos estímulos das emoções e cuspidas, por vezes, como prostituta ao

apedrejamento. Compreendida pela experiência única de quem sente e identifica-se; acessada via código para o que jamais a define. Nunca igual. Uma releitura. Um outro olhar. Acréscimo sem supressão.

Porém, sabemos que há no meio literário muita alienação da parte de alguns ao tentarem passar uma imagem do que não são ou viveram. E por mais que o poeta seja “um fingidor”, ele produz arte com o sentimento, ainda que de outros. Ninguém pode adentrar no “Santo dos Santos” se não estiver puro, se não possuir verdade naquilo que expressa.

Por isso, a geração de 30 adquire um caráter universal, pois retrata os conflitos do homem em geral, e não somente do homem brasileiro ou do homem de uma das regiões do país. E esta “universalização” da poesia importa neste trabalho, cujo ponto de contato se realiza entre Quintana e Sartre.

Mais ainda, foi nesse cenário mergulhado no flagelo da humanidade, a Segunda Guerra Mundial, em meio à descrença e ao fracasso que vitimou todos os sistemas filosóficos da época, que entra em voga o Existencialismo, cuja repercussão deu-se mais intensamente no final do século XIX, estendendo-se até fins do século XX.

Segundo Silva (2003, p. 139),

Existencialismo ou a filosofia da existência é uma vasta corrente filosófica contemporânea que se afirma na Europa logo após a Primeira Guerra Mundial, se impõe no período entre as duas guerras e se desenvolve ainda mais e se expande até tornar-se moda, sobretudo nas duas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial. Assim, se considerarmos o tempo de seu nascimento e de seu crescimento, é fácil perceber que o existencialismo expressa e leva à conscientização a situação histórica de uma Europa dilacerada física e moralmente por duas guerras, experimenta em muitas de suas populações a perda da liberdade, com regimes totalitários.

Esta corrente filosófica está centrada na reflexão acerca da angústia e do absurdo presente na existência humana. Todo seu empenho está em pensar o indivíduo concreto a partir de sua existência que é anterior à essência: tanto em relação ao ser, quanto em relação ao conhecimento.

Por desenvolver-se em meio a uma crise mundial, o movimento teve ampla repercussão. Segundo Penha (2017, p. 7),

Sua repercussão não se limitou às discussões acadêmicas nem aos debates nas páginas das publicações especializadas. Tanto quanto uma doutrina filosófica, o existencialismo passou a ser identificado como um estilo de vida, uma forma de comportamento..., criando uma autêntica mitologia em torno do movimento e seus adeptos.

Todo esse reflexo na sociedade dividiu as opiniões e várias críticas foram tecidas sobre o movimento. Os existencialistas, ainda segundo Penha (2017, p. 7), “eram acusados de pregar ideias dissolventes. Sua reflexão filosófica, dizia-se, era mórbida, sombria, amarga, preocupada em explorar o lado sórdido da existência humana, fixando-se nas exceções da vida”.

A época do Existencialismo é, pois, época de crise: a crise daquele otimismo romântico que, durante todo século XIX, garantia o sentido da história em nome da razão, do absoluto, da ideia ou da humanidade; fundamentava valores estáveis e assegurava um progresso certo e incontável.

O idealismo, o positivismo e o marxismo são, sob a ótica existencialista, todas as filosofias otimistas que presumem ter captado o princípio da realidade e o sentido progressivo e absoluto da história. Porém, o existencialismo considera o homem como ser finito, lançado no mundo e continuamente dilacerado por situações problemáticas ou absurdas.

O Existencialismo, assim, tornou-se ícone das renovações exigidas num contexto de guerra e de ruína dos sistemas filosóficos que se apoiava em dois eixos.

O primeiro deles é o método fenomenológico, que teve como seu melhor sistematizador Edmund Husserl. Foi ele quem elaborou os princípios definidores dessa abordagem do real. A fenomenologia pretendia ver os fatos neles mesmos, presos ao campo dos fenômenos e da existência tal qual ela se apresenta. O outro é o antropológico, isto é, busca-se uma reflexão filosófica, partindo-se da primazia da existência humana sobre sua essência. É o ato de existir do homem que tornará sua essência possível, é nesta ideia de possibilidade que reside a chave do Existencialismo.

Para o existencialista, o homem é pura angústia. É no arbítrio da escolha humana que se situa fundamentalmente essa angústia, e não em face da morte, como na filosofia de Heidegger. O homem não pode escapar dessa escolha, pois se vê nesse compromisso (se o homem nada escolhe, sua escolha é não escolher). Como ilustração, Mário Quintana compreende bem esse dilema, como mostra no seguinte poema:

Sábias agudezas... refinamentos...
 — não!
 Nada disso encontrarás aqui.
 Um poema não é para te distraíres
 como com essas imagens mutantes de caleidoscópios.

Um poema não é quando te deténs para apreciar um detalhe
 Um poema não é também quando paras no fim,
 porque um verdadeiro poema continua sempre...
 Um poema que não te ajude a viver e não saiba preparar-te
 para a morte
 não tem sentido: é um pobre chocalho de palavras (Quintana,
 2001, p. 32).

Segundo Sartre (2011, p. 99), “o existencialismo não é uma filosofia do quietismo, visto que define o homem pela ação, pois, como o homem não é senão o seu projeto, ele só existe na medida em que se realiza ou age.”

Para Sartre (2011), o existencialista, o Existencialismo é uma doutrina de dureza otimista e não de pessimismo, visto que o destino do homem está em suas mãos, e, porque ela o impele à ação.

Nessas condições, a descoberta da intimidade desnuda o homem e descobre o outro ao mesmo tempo. O outro como uma liberdade posta em face de si (já que também é livre), que nada pensa ou quer senão a favor ou contra si. Assim, descobre imediatamente um mundo que Sartre chamou de *intersubjetividade*, sendo este local onde o homem decide sobre o que ele é e o que os outros são.

O poeta neste meio parece cumprir o papel de amalgamador, de ser a ponte que liga o eu e o outro numa relação humanista e universal. O sentimento poético nos une numa mesma missão que é a existência e de que maneira podemos suportá-la eticamente.

Por falar em ética, esta grande entidade universal – e, posteriormente, a base discursiva do liberalismo ocidental – discutida por Espinoza (2009) e retomada por muitos pensadores humanistas – que encontraria, igualmente, em Emanuel Lévinas sua associação à religiosidade como meio elaborativo, em razão do seu modo de citar Deus e a Bíblia como referência da elaboração ética no Ocidente, a se portar na existência de uma forma que caminhássemos a vida de modo correto, podemos discutir sobre a ideia de “rosto” e falar sobre o outro neste pensador.

Ao versar sobre o “rosto do Outro”, Lévinas recorre a exemplos da Torá e do Talmude, referentes já conhecidos do imaginário cristão que dele também compartilha. Butler (2017, p. 65) observa que “quando Lévinas descreve o encontro com o rosto como “ao mesmo tempo a tentação de matar e a interdição a matar”, ele se refere tanto à angústia quanto ao desejo que a interdição produz”. E prossegue:

Como discuti alhures, Lévinas reconta a história de Esaú e Jacó. Jacó espera a chegada de Esaú, e a cena é tensa por causa da impressão de que vai eclodir uma guerra pelos direitos de herança e terra. Lévinas cita a Bíblia: ‘Jacó teve grande medo e sentiu angústia (angoisse)’. Lévinas nota que, para o comentador Rashi, Jacó exemplifica ‘a diferença entre medo e angústia’ conclui que ‘[Jacó] tinha medo da própria morte, mas sentia angústia por talvez ter de matar’ (PP, p. 164). Se Jacó tivesse de matar, o faria por sua própria vida. Mas destruir a vida do outro para defender a sua própria é precisamente virar as costas para o rosto (Butler, 2017, p. 65).

Como se percebe, para versar sobre a “exigência ética”, sobre a humanidade e a existência e a relação de si com os outros, sempre se contou com exemplos bíblicos, sem nenhuma menção aos Vedas hindu ou mesmo à *Epopéia de Gilgamesh*, nascida no mesmo panteão mesopotâmico, sequer a outras literaturas religiosas da África ou Américas. De modo que a metafísica é a mesma a interligar uma tradição compartilhada; um referente comum sempre recorrido para dali construir uma noção de “universalismo judaico-cristão”, porém muito particular de seus autores, das fontes linguísticas de sua imagem e semelhança.

O rosto é o mesmo. Porém o outro, o desconhecido, a alteridade na qual reconheço a mim mesmo é este o passo preciso e crucial por onde, na existência, consigo me conhecer, me enxergar e inferir a realidade à minha volta.

Sartre (2015) tem ainda como premissa a intersubjetividade, mais que revelar apenas a si mesma, em uma relação que se estabelece entre e com diferentes sujeitos, ou seja, a aprendizagem se realiza em uma perspectiva de interação, sendo o outro primordial para que o primeiro exista. Esta é a peculiaridade da filosofia existencial e desta poética de Mário Quintana que então trazemos a lume numa simbiose do eu e do outro.

Destarte, para situarmos bem nossa proposta é preciso empreendermos uma continuidade discursiva que se realiza por esta senda filosófica sem a qual não existiria mesmo o conhecimento.

O “*conhece-te a ti mesmo*” de Sócrates se configura em nosso objetivo como a característica do que é a própria Filosofia e a Poética: uma ânsia por respostas dadas a seus métodos interiores e exteriores de auferir o saber e o ser.

O autor principal, nesse recorte filosófico, como dito, é o pensador Sartre (2011), que em sua obra magna *O Ser e o Nada* nos dá um direcionamento sobre a questão existencial. A sua filosofia existencialista inaugura um modo de pensar o ser e sua subjetividade que rompe com certos paradigmas da construção filosófica de sua época. Por divergências com Sartre sobre a violência e a questão

revolucionária, Camus e Jones (1970, p. 47) rompem com o filósofo existencialista que defendia que o Existencialismo também era um humanismo e que

Não existe outro universo além do universo humano, o universo da subjetividade humana. É a esse vínculo entre a transcendência, como elemento constitutivo do homem (não no sentido em que Deus é transcendente, mas no sentido de superação), e a subjetividade (na medida em que o homem não está fechado em si mesmo, mas sempre presente num universo humano) que chamamos humanismo existencialista. Humanismo, porque recordamos ao homem que não existe outro legislador a não ser ele próprio e que é no desamparo que ele decidirá sobre si mesmo; e porque mostramos que não é voltando-se para si mesmo, mas procurando sempre uma meta fora de si – determinada libertação, determinada realização particular – que o homem se realizará precisamente como ser humano.

Durante toda nossa história humana, a poesia tem sido a arte que colocou o homem diante si mesmo, com suas questões sobre a vida, sobre o prazer, a dor, a esperança, o medo, a angústia, a morte e toda a existência que nos induz e exige a reflexão. As perguntas clichê: quem sou? onde estou e para onde vou? continuam a nortear a nossa vida e nos demandam respostas. A existência se dá assim entre o cotidiano e o devaneio; entre este momento que instiga à resposta sobre o que é a vida e nossa existência.

Em *A Epopéia de Gilgamesh* (s.d.), romance anônimo e épico sobre um herói em busca da imortalidade, talvez tenhamos a prosa poética mais antiga que dispomos sobre essa angústia existencial, sobre o saber o que é a vida e como vencer a morte (A Epopeia [...], 2011).

Em busca da eternidade, Gilgamesh batalha contra o touro na floresta encantada para ter acesso com seu amigo-irmão, Enkidu, ao caminho que leva ao sábio portador do segredo.

Mais antigo que o relato bíblico, a saga de Gilgamesh, senhor de Uruk, já nos revela a enchente diluviana como uma das tantas tragédias humanas, porém é após a morte de seu amigo que Gilgamesh se vê defrontado com a finitude da vida e seu tom passageiro. É seu irmão Enkidu que lhe interpretando um sonho, sentencia

Por isso Gilgamesh teve um sonho, e Enkidu disse: ‘O significado do teu sonho é o seguinte: o pai dos deuses te deu um trono, reinar é o teu destino; a vida eterna não é teu destino’. Por isso, não fiques triste, não te atormentes nem te deixes oprimir por causa disso (A Epopeia [...], 2011, p. 68).

Tudo se acaba e assim não pode ser! Há de haver uma forma de eternizar o que amamos, de perpetuar a existência superando a morte. Gilgamesh

chora dias a fio a perda de seu amigo morto em batalha e continua sua saga pela busca da longevidade.

Quando encontra o sábio, portanto, este lhe mostra que o sono o toma e lhe abraça: o sono da morte; o sono pelo fim; a finitude como portal dessa eternidade que finalmente nos resgata da vigília e nos recolhe para um sono do qual não se retorna.

Assim foi mostrado a Gilgamesh de modo poético pelo sábio das montanhas que não era a imortalidade que desejava, mas o sono. Este momento em que nos libertamos do cotidiano e conseguimos viver o impossível, o mágico, a fantasia e suas imagens supra-humanas.

Eis o que a poesia nos pode oferecer em vida e que permanece além da morte como registro à posteridade. E lá está, dentro da poesia, o segredo da imortalidade; toda a descrição daquilo que nós somos, a constituição do ser humano como ser tão frágil e à mercê dessa existência implacável que nos exige viver e sonhar. Como atestou Sartre (2015, p. 87), certa vez, o poeta “é um homem que, por meio de um todo subjetivo, a língua — porque ele a aprende, pois a língua é também um fato objetivante —, exprime o incomunicável”.

Esta é a existência e sua expressão do incomunicável: a vida testemunhada na arte e na poesia, e que em nosso trabalho encontra um eixo de pesquisa em Mário Quintana, donde continuamos, nos próximos capítulos a mensurar.

3 SARTRE E O EXISTENCIALISMO: apontamentos para uma poética do ser

Para muitos especialistas estudar o Existencialismo é sinônimo de analisar a obra de Sartre, pois este fez do movimento uma das correntes filosóficas mais influentes do século XX. Sabe-se que o Existencialismo conta com muitos outros pensadores, mas para efeito desse trabalho, optou-se em analisar o pensamento sartreano delineando-o em seus aspectos fundamentais.

A obra que projetou Jean-Paul Sartre mundialmente foi *O ser e o Nada*, publicada em 1943, no auge da Segunda Guerra Mundial. Nela Sartre (2011) concentra a sua análise filosófica do Ser, buscando compreender o seu significado mais profundo, revelando assim, a sua verdadeira natureza. Tal análise apresenta-se centralizada na existência que para o autor é o próprio nada, o vazio, o absurdo a invadir o homem, isto é, existir é simplesmente “estar aí”, uma realidade muitas vezes carregada de desespero e incompreensível para o homem.

Contudo, apesar de toda a projeção que essa obra proporcionou ao pensamento de Sartre, muitas foram às críticas sofridas pelo filósofo francês. Na tentativa de dissolver críticas e dúvidas sobre suas teses, Sartre lança um manifesto que ficou conhecido como “O existencialismo é um humanismo” no qual pretendeu mostrar a quintessência teórica de *O Ser e o Nada*, que

[...] reflete a preocupação, dita ‘essencial’ de que o homem, posto no mundo pela sociedade, política, família, educação ou hábitos adquiridos, está sempre, não num corredor estreito ou num curral, mas numa encruzilhada de múltiplos caminhos (Silva, 2007, p. 12).

Em Sartre (2011), entende-se por Existencialismo um conjunto de ideias ou posição filosófica que indica um sentido à vida, partindo da subjetividade humana para compreender a existência. Para esse filósofo, bem como para a maioria dos existencialistas, a primazia da existência sobre a essência é seu princípio fundamental e norteador. Sendo assim

Seu primeiro esforço é, portanto, o de analisar o homem, na situação em que ele se encontra, e o de atribuí-lhe a total responsabilidade por aquilo que ele se torna, não só individualmente, mas coletivamente. Pois, se a existência precede a essência, e se queremos existir, ao construirmos nossa imagem, esta imagem será ‘válida’ para todos: escolhendo-se, ‘escolho’ a humanidade (Silva, 2007, p. 12).

Outro pressuposto norteador de sua análise é a inexistência de Deus, pois acredita que o homem está só, abandonado à própria sorte, caracterizando um

existencialismo ateu, fato que, enfim, não se ocupa de tentar provar, uma vez que seu foco principal é discutir quatro pontos fundamentais da existência: liberdade, consciência, ser e nada.

Vale destacar, neste momento, dois pontos – a liberdade e a consciência – que se fazem necessários para este estudo. Desta forma, se faz conveniente caracterizar, ainda que de forma breve, conceitos básicos para uma melhor compreensão do existencialismo humanista de Sartre, a saber: o *ser-em-si* (em soi) e o *ser-para-si* (*pour-soi*).

O primeiro deles, o ser-em-si é o que “[...] corresponde ao mundo das coisas materiais (pedras, plantas, etc.), aquilo que se encontra fora do sujeito, que tem existência em si mesmo intemporal” (Penha, 2017, p. 54-55). Deste modo, o em-si repele a atividade e a passividade, noções puramente humanas relativas ao comportamento, visto que a atividade reside na consciência e apenas nessa situação pode um objeto ser dito passivo. Além disso, não comporta também o em-si a negação e a afirmação, igualmente valores da consciência, uma vez que

[...] a afirmação é a afirmação de alguma coisa e por isso, permanece aquém da coisa. O mesmo vale para negação. Afirmação e negação pressupõem relação à consciência, mas o ser desconhece qualquer sentido atribuído à palavra relação [pois], o ser não é relação a si mesmo. Ele é ele mesmo. É uma imanência que não se pode realizar, uma afirmação que não se pode afirmar uma atividade que não pode agir, porque é empastado em si mesmo. Este é o sentido que tem a expressão o ser-em-si (Bornheim, 2011, p. 34).

Ainda segundo Bornheim (2011), a análise de Sartre sobre o em-si é de fato sucinta, restringe-se em revelar o em-si, excluindo qualquer possibilidade de abertura para um possível conteúdo de sua realidade.

Por outro lado, há o que Sartre denominou de ser-para-si (consciência), ‘é o que não é, e não é o que é’. Ou seja, “[...] é o mundo da consciência, aquilo que tem a existência por si mesmo, a realidade humana. A consciência é um ser-para-si porque é autorreflexiva, porque pensa sobre si mesma” (Penha, 2017, p. 55). E visto que é pura transcendência, apresenta-se enquanto separação, enquanto ultrapassagem de seus próprios limites.

Para que possamos entender melhor essa nuance transcendental do para-si, é mister lembrarmos a situação do homem como ser-no-mundo, à mercê do Nada que está intimamente ligado à sua própria origem, já que o homem é “[...] o ser pelo qual o Nada vem ao mundo...” (Sartre *apud* Rêgo, 1993, p. 17). Surgindo dessa

relação (Homem/ Nada), toda a contradição presente na existência humana, portanto, “[...] através do poder nadificante da consciência, no seu ato de ruptura com o ser, é que dá o surgimento do nada e, ao mesmo tempo, o surgimento consciente do próprio ser” (Rêgo, 1993, p.17).

Nesse contexto de nadificação versus consciência, convém ressaltarmos que toda ação humana tem como ponto de partida o nada, ocasionando uma total indeterminação no que tange à existência, que é vista pelo existencialismo como injustificável, sem nenhum motivo, totalmente absurda, ficando “[...] o homem, por conseguinte, abandonado, já que não encontra em si, nem fora de si, uma possibilidade a que se apegue” (Sartre *apud* Rêgo, 1993, p. 18).

Outro elemento presente no cenário nadificante do para si (consciência), enquanto característica fundamental, é a intencionalidade, ou, seja, é a capacidade, é a tendência que ele tem de estar sempre voltado para fora de si-mesmo.

Nesse sentido, a consciência é o nada, o que lhe propicia a capacidade de imaginar, de transcender, de ir além da situação presente, dos fatos imediatos. É a imaginação que possibilita à consciência criar mentalmente as coisas e reconstituí-las quando elas não se encontram presentes fisicamente (Penha, 2017).

Donde se conclui que é por via da consciência que o mundo passa a ter significado e que sem o para-si, elemento básico desse processo, toda realidade se reduziria ao em-si. Logo, é o nada o fundamento da liberdade humana.

Constatado ser o nada o fundamento da liberdade humana, depara-se o homem, agora, com a angústia advinda dessa liberdade. Pois, no contexto existencialista, a liberdade está intimamente ligada à escolha. O homem é, dessa forma, condenado a ser livre; obrigado, forçosamente a escolher, a optar.

As suas escolhas não estão restritas só a sua realidade, pois envolverão toda a humanidade. Daí, se escolher é ser livre, ser livre é sofrer a angústia da escolha. Entretanto, pode o homem abdicar dessa escolha, ou melhor, abdicar da responsabilidade por suas escolhas. E isso ele o faz através do comportamento a que Sartre denominou de má-fé, que consiste em “fazer que eu seja o que sou segundo o mundo de ‘não ser o que ou que eu não seja o que sou segundo o modo de ser o que se é” (Sartre *apud* Bornheim, 2011, p. 50). Uma vez que,

A condição de possibilidade da má-fé repousa no fato de que a realidade humana procura ser o que ela não é, e não seja o que é. Dessa forma, a vastidão da vida é a vastidão do nada, e a existência que dá-se perpetuamente ébria de uma ausência que não consegue preencher, o

homem está condenado a representar e o teatro é eterno (Bornheim, 2011, p. 50).

O estado de abandono experimentado pelo homem, num contexto de solidão em que ele precisa fazer-se, definir-se, é o fato capital para o existencialismo, portanto, partindo da constatação de que não existe nem sequer um Deus, nem um céu inteligível, sucumbe, ante essa descoberta, toda a possibilidade de buscarmos desculpas e predeterminações naquele céu, através daquele Deus.

Por sua vez, “[...] se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e este ser é o homem [...]” (Sartre, 2011, p.12). O que, segundo o autor, “[...] significa dizer que primeiramente o homem existe, se descobre, surge no mundo, e que só depois se define”. Sendo ele (homem) responsável, agora, por tudo o que fizer, por tudo que escolher – não só para ele –, mas para todos os outros homens.

Visto que se torna consciente de toda a responsabilidade que há por trás da escolha que fizer, não só para si como para os outros, materializa-se diante do homem a possibilidade de transcendência. Assim, nesse instante, depara-se o homem com a capacidade de superar-se a si mesmo, indo buscar além de si um sentido para sua existência, pois, “[...] procurando sempre fora de si um fim [...] o homem se realizará precisamente como ser humano” (Sartre, 2011, p. 14). Evidencia-se, assim, essa capacidade como o potencial que o distinguirá enquanto ser dos objetos e dos animais.

4 DE SARTRE A QUINTANA: *(im)* possíveis afinidades

A relação entre o existencialismo de Jean-Paul Sartre e a poesia de Mário Quintana não é observada de forma direta e explícita. No entanto, é possível identificar certos elementos existenciais nas obras de Quintana que podem ser considerados em consonância com os princípios do existencialismo sartreano.

Notamos que Sartre enfatiza a liberdade individual, a responsabilidade pela própria existência e a busca de sentido e confiança na vida, temas também presentes na poesia de Quintana, embora vistos de forma mais sutil e subjetiva. O eu lírico dos poemas muitas vezes se questiona, busca compreender-se e refletir sobre o impacto das circunstâncias na formação da identidade.

Quintana frequentemente explora questões existenciais em seus versos, como a solidão, a transitoriedade da vida, a busca pelo sentido e a reflexão sobre a própria identidade. Seus poemas muitas vezes revelam uma sensibilidade para a condição humana, explorando a experiência individual diante das controvérsias e contradições da existência.

Ambos os autores também exploram a noção de respeito, embora de maneiras diferentes. Sartre enfatiza a importância de ser verdadeiro consigo mesmo e de assumir a responsabilidade pelas escolhas que fazemos, enquanto Quintana analisa a busca por uma expressão genuína da emoção e da experiência pessoal na poesia.

Na ânsia de encontrar conexões entre os autores, tecemos algumas análises para averiguar as proximidades entre Sartre e Quintana a partir de um olhar que busca desvendar os esconderijos dos quintanares.

Um olhar no esconderijo

O Baú

Como estranhas lembranças de outras vidas,
que outros viveram, num estranho mundo,
quantas coisas perdidas e esquecidas
no teu baú de espantos... Bem no fundo,

uma boneca toda estraçalhada!
(isto não são brinquedos de menino...
alguma coisa deve estar errada)
mas o teu coração em desatino

te traz de súbito uma ideia louca:

é ela, sim! Só pode ser aquela,
a jamais esquecida Bem-Amada.

E em vão tentas lembrar o nome dela...
e em vão ela te fita... e a sua boca
tenta sorrir-te mas está quebrada! (Quintana, 2007, p. 480).

A poesia “*O Baú*” de Mário Quintana é um exemplo da sensibilidade e da capacidade do poeta em evocar memórias e emoções através de imagens poéticas. Nesse poema, Quintana explora o tema das lembranças perdidas e esquecidas que residem em um baú, símbolo de um mundo estranho e distante.

A partir dos primeiros versos, o poeta estabelece uma atmosfera de estranheza e distância em relação às lembranças, comparando-as a vivências de outras vidas em um mundo desconhecido. Essas memórias são descritas como coisas perdidas e esquecidas, sugerindo a efemeridade da experiência humana.

A estrofe sugere a existência de lembranças que não pertencem ao próprio indivíduo, mas que são como fragmentos de vidas vividas por outros em um mundo desconhecido. Essas lembranças são descritas como coisas perdidas e esquecidas, que agora se encontram guardadas no baú de espantos.

Como estranhas lembranças de outras vidas,
que outros viveram, num estranho mundo,
quantas coisas perdidas e esquecidas
no teu baú de espantos... Bem no fundo (Quintana, 2007, p. 480).

No início da segunda estrofe, o poeta revela uma boneca estraçalhada encontrada no fundo do baú. Essa descoberta provoca uma reação de estranhamento, pois bonecas não são brinquedos comuns para meninos. Essa incongruência sugere uma quebra de expectativas e introduz uma ideia de algo errado, algo que não se encaixa nos padrões.

uma boneca toda estraçalhada!
(isto não são brinquedos de menino...
alguma coisa deve estar errada)
mas o teu coração em desatino (Quintana, 2007, p. 480).

A boneca estraçalhada representa a protetora e a quebra de expectativas em relação à memória e aos sentimentos, enquanto a “Bem-Amada”, mesmo sem um nome concreto, permanece como uma figura emblemática e inesquecível.

Podemos inferir que o elemento central do poema seja a boneca, que surge como uma imagem poderosa e carregada de significado. Descrita como algo incompatível com a infância masculina, algo “errado” e fora do lugar. Essa imagem assistida da boneca representa a figura da “Bem-Amada”, alguém amado e desejado no passado, mas cujo nome é agora inacessível à memória do eu lírico.

Em seguida, o poema mergulhou no mundo interior do eu lírico, que é tomado por uma ideia louca, associando a boneca encontrada no baú a uma figura feminina especial, a “Bem-Amada”. Essa figura representa alguém inesquecível, um amor perdido ou uma paixão do passado. No entanto, mesmo que o eu lírico tente lembrar o nome dela, ele não consegue, e a figura da “Bem-Amada” parece fixá-lo com um sorriso quebrado. Como podemos perceber no fragmento abaixo:

[...] te traz de súbito uma ideia louca:
é ela, sim! Só pode ser aquela,
a jamais esquecida Bem-Amada (Quintana, 2007, p. 480).

Essa poesia de Quintana evoca uma sensação de nostalgia e melancolia, aborda a busca por lembranças e sentimentos perdidos, uma tentativa de resgatar o que foi vivido no passado. O baú, como metáfora desse resgate, contém lembranças fragmentadas e desconectadas, que talvez só possam ser compreendidas e apreciadas pela própria subjetividade do eu lírico.

Chevalier e Gheerbrant (2020, p. 262) ponderam que “o simbolismo do baú tem por base dois elementos: o fato de nele **depositar** um **Tesouro** material ou espiritual: e o fato de que a abertura do cofre seja o equivalente de uma revelação”.

Em suma, “*O Baú*” é uma poesia que nos convida a refletir sobre a natureza elusiva da memória e das emoções, sobre a busca pelo que foi perdido e a impossibilidade de resgatar completamente as vivências passadas. Através de imagens sugestivas e de uma linguagem poética sensível, característica do autor, Mário Quintana nos leva a mergulhar no baú de memórias, revelando a complexidade das lembranças e das emoções humanas.

A melancolia e a nostalgia são características recorrentes na poesia de Quintana, e esse poema não foge a essa abordagem. O eu lírico é tomado pelo desatino e pela ideia de que a boneca estraçalhada é a “Bem-Amada”. No entanto, a tentativa de lembrar o nome dela é em vão, a boneca, mesmo tentando sorrir, está quebrada.

“O *Baú*” revela a angústia existencial do eu lírico, a sensação de perda, de incompletude e de não conseguir viver plenamente as memórias e os sentimentos passados. Por meio de uma linguagem poética cuidadosamente construída, Quintana nos leva a refletir sobre a dificuldade de preservar o amor e as memórias ao longo do tempo.

Ao analisarmos a poesia *As cidades pequenas* verificamos outra faceta interpretativa de Quintana, ao observar os acontecimentos pequenos dentro de um universo grande de singularidades.

As cidades pequenas

As moças das cidades pequenas
 com o seu sorriso e o estampado claro de seus vestidos
 são a própria vida. Elas
 é que alvoroçam a praça. Por elas
 é que os sinos festivamente batem, aos domingos.
 Por elas, e não para a missa! ... Mas Deus não se importa...
 [Afinal,

só nessas cidadezinhas humildes

é que ainda o chamam de Deus Nosso Senhor... (Quintana, 2007, p. 483).

A poesia “*As Cidades Pequenas*”, de Mário Quintana, retrata de maneira singela e afetuosa a atmosfera das cidades pequenas e o papel das moças nesse contexto. O poeta enaltece a presença das moças com seus sorrisos e vestidos estampados, afirmando que são elas que trazem vida e animação para as praças das cidades pequenas “com o seu sorriso e o estampado claro de seus vestidos são a própria vida” (Quintana, 2007, p. 483).

Quintana destaca a importância dessas jovens na comunidade, sugerindo que são elas que fazem a diferença, trazendo um sentido de festividade e alegria para o ambiente.

Em seguida, o autor faz uma alusão aos sinos que tocam aos domingos e “festivamente batem”, que tradicionalmente são associados às missas, mas, ironicamente na poesia, eles batem por causa das moças e não necessariamente por motivos religiosos. Esse verso revela um senso de humor sutil e uma crítica discreta às convenções sociais.

O poema também menciona Deus de maneira interessante. Quintana destaca que “Deus não se importa” com os sinos tocando por causa das moças,

como se sugerisse que a alegria e a vivacidade das jovens são uma manifestação da vida, independentemente das práticas religiosas formais e dos ambientes onde estejam.

Percebemos no verso “só nessas cidadezinhas humildes” uma ironia sutil quando o poeta menciona que somente nessas cidades pequenas e humildes Deus ainda é chamado de “Deus Nosso Senhor”, revelando a tradição e a simplicidade dessas comunidades.

Por meio dessa poesia, Quintana celebra a vida nas cidades pequenas, destacando a importância das moças como agentes de animação e vitalidade. Ele ressalta a autenticidade e a alegria presentes nessas comunidades, em contraste com as formalidades religiosas. A simplicidade e a atmosfera acolhedora das cidades pequenas são apreciadas, sugerindo uma valorização do cotidiano e da beleza nas coisas simples da vida, assim como o poeta que elogia as miudezas da vida.

Vamos agora para

A casa grande

... mas eu queria ter nascido numa dessas casas de meia-água
com o telhado descendo logo após as fachadas
só de porta e janela
e que tinham, no século, o carinhoso apelido
de cachorros sentados.
Porém nasci em um solar de leões.
(... escadarias, corredores, sótãos, porões, tudo isso...)
Não pude ser um menino da rua...
Aliás, a casa me assustava mais do que o mundo, lá fora.
A casa era maior do que o mundo!
E até hoje
— mesmo depois que destruíram a casa grande —
até hoje eu vivo explorando os seus esconderijos... (Quintana,
2007, p. 479).

A poesia “A Casa Grande” é um mergulho na infância e nas memórias do poeta. Retrata a relação do eu lírico com a casa onde ele nasceu e cresceu, apresentando uma comparação entre duas imagens da casa: a “casa de meia-água” e a “casa grande”. O poeta expressa sua preferência por ter nascido em uma “casa de meia-água”, com apenas porta e janela, ao invés de um “solar de leões”, grande e imponente.

O poeta descreve as “casas de meia-água” como tendo um apelido carinhoso de “cachorros sentados”, sugerindo uma proximidade e uma familiaridade acolhedora. Essas casas são associadas a uma simplicidade encantadora por serem modestas e aconchegantes em contraste com a grandiosidade e a imponência das “casas grandes”. O eu lírico demonstra uma nostalgia por esse tipo de habitação, associando-a a um sentimento de pertencimento e afetividade.

No entanto, o eu lírico nasceu em uma “casa grande”, um “solar de leões”, descrito como imponente, com ‘escadas, corredores, sótãos e porões”, evocando uma imagem de imponência e opulência.

O eu lírico confessa que “a casa grande” o assustava mais do que o mundo exterior, por sua grandeza e imensidão, e era tão avassalador que o fazia sentir-se acuado.

Quintana revela uma espécie de nostalgia por uma infância mais simples e menos assustadora, pois “a casa grande” com seus vários espaços o intimidava. O poeta sentia-se amedrontado pela grandiosidade da casa que parecia ser maior do que o mundo em si.

Mesmo depois de terem destruído a “casa grande”, o eu lírico continua “explorando os seus ‘esconderijos”. Esse verso sugere que, mesmo após a perda física da casa, as memórias e os sentimentos associados a ela ainda persistem.

A casa torna-se um símbolo das vivências e experiências do eu lírico, e ele continua a investigar seus segredos e cantos ocultos, como se fosse uma metáfora para a busca pelas memórias e pelos recantos escondidos da infância, uma tentativa de compreender e reconectar-se com suas origens.

Em “A Casa Grande” Quintana expressa a ambivalência de sentimento em relação à casa de origem. Por um lado, há um desejo de simplicidade, humildade e aconchego representado pela “casa de meia-água”; por outro, há uma sensação de imensidão e imponência na “casa grande” que desperta sentimentos de medo e opressão. Nesse contexto, a dualidade apresenta-se entre as emoções, o desconforto com a grandiosidade e a complexidade da vida. A poesia faz refletir sobre as influências que o ambiente familiar e a casa de infância exercem sobre a formação da identidade e as memórias do eu lírico.

O poema sugere, ainda, que o poeta se sente mais à vontade com a simplicidade e a confiança das “casas de meia-água”, onde a vida é mais próxima e acessível, evocando um sentimento nostálgico e melancólico, transmitindo a busca

contínua por um senso de pertencimento e a necessidade de explorar as raízes e as memórias da infância.

Uma

A noite grande

Sem o coaxar dos sapos ou o cri-cri dos grilos
 como é que poderíamos dormir tranquilos
 a nossa eternidade? Imagina
 uma noite sem o palpitar das estrelas
 sem o fluir misterioso das águas.
 Não digo que a gente saiba que são águas
 estrelas
 grilos...
 — morrer é simplesmente esquecer as palavras.
 E conhecermos Deus, talvez,
 sem o terror da palavra DEUS (Quintana, 2007, p. 482).

“*A Noite Grande*” de Mário Quintana é um poema que aborda a importância da linguagem na experiência humana, especialmente durante a noite. O poeta sugere que é por meio dos elementos da natureza, dentre eles o “coaxar dos sapos, o cri-cri dos grilos, o palpitar das estrelas e o fluir das águas” (Quintana, 2007, p. 482), que se torna possível alcançar a tranquilidade do sono e a conexão com a eternidade.

Quintana destaca a importância desses fenômenos naturais como essenciais para o nosso descanso, pois permeiam a noite e concorrem para uma sensação de harmonia e calma durante o sono. A ausência desses elementos seria perturbadora e poderia afetar a tranquilidade do descanso noturno.

Ao mencionar o “fluir misterioso das águas” e o “palpitar das estrelas”, o poeta evoca uma sensação de conexão com o universo e com algo maior do que nós mesmos.

O poema traz uma reflexão sobre a linguagem e a importância das palavras. Quintana sugere que, no momento da morte, deixamos de lado os conceitos e as construções linguísticas e entramos em um estado de esquecimento. Nesse contexto, a experiência de conhecer Deus é apresentada como algo que pode ocorrer sem a necessidade do medo ou do terror associado à palavra “Deus”.

O poeta parece sugerir que a verdadeira compreensão e conexão com o divino vão além das limitações da linguagem e das palavras, transcendendo as definições e conceitos humanos que são impostos por meio da linguagem.

“*A Noite Grande*” ocasiona uma reflexão sobre a nossa relação com a natureza e a espiritualidade, convidando o leitor a contemplar a importância dos elementos naturais em nossa vida, e considera a possibilidade de transcender as palavras e os conceitos para uma experiência mais direta e profunda do divino.

Quintana busca transmitir a ideia de que o verdadeiro encontro com o sagrado ocorre quando superamos os limites da linguagem e abrimo-nos para uma compreensão mais ampla e intuitiva com o universo.

Como

O poeta canta a si mesmo

O poeta canta a si mesmo
 porque nele é que os olhos das amadas
 têm esse brilho a um tempo inocente e perverso...
 O poeta canta a si mesmo
 porque num seu único verso
 pende — lúcida, amarga —
 uma gota fugida a esse mar incessante do tempo...
 Porque o seu coração é uma porta batendo
 a todos os ventos do universo.
 Porque além de si mesmo ele não sabe nada
 ou que Deus por nascer está tentando agora ansiosamente
 [respirar
 neste seu pobre ritmo disperso!
 O poeta canta a si mesmo
 porque de si mesmo é diverso (Quintana, 2007, p. 489).

A poesia “O Poeta Canta a Si Mesmo”, de Mário Quintana, explora a autorreflexão do poeta e a importância de sua expressão artística. O eu lírico afirma que *o poeta canta a si mesmo* porque nele reside o brilho e o *encanto dos olhos das amadas*, uma mistura de tristeza e malícia, essa dualidade reflete a complexidade e a intensidade das emoções que permeiam a vida do poeta.

O eu lírico assevera que o poeta *canta a si mesmo* porque *num seu único verso* está contido *uma gota fugida do mar incessante do tempo*. Essa gota representa uma essência fugaz e preciosa, uma singularidade que se destaca na imensidão temporal. A imagem da *porta batendo a todos os ventos do universo* reflete a intensidade e vulnerabilidade do coração do poeta, que é constantemente impactado por experiências e influências externas.

Quintana destaca que o poeta *além de si mesmo ele não sabe nada*, sugerindo uma experiência profunda em sua própria existência e criação. O eu lírico

menciona a tentativa ansiosa de *Deus por nascer*, como se o poeta fosse um canal para o divino, expressando-se através de seu ritmo disperso e buscando um sentido mais amplo e transcendente.

O coração do poeta é descrito como *uma porta batendo a todos os ventos do universo*, aludindo à sua sensibilidade e vulnerabilidade diante das influências externas, sendo um receptor aberto a todas as experiências e absorvendo as emoções e os estímulos do mundo ao seu redor.

O poeta canta a si mesmo porque de si mesmo é diverso de tudo. Essa diversidade implica uma singularidade intrínseca, uma voz e uma expressão único que só o poeta possui: o ato de cantar a si mesmo como uma declaração de confirmação, uma forma de compartilhar a sua visão de mundo, suas emoções e sua essência com o leitor.

O eu lírico enfatiza que o poeta só tem conhecimento de *si mesmo* e que além de sua própria essência, *ele não sabe de nada mais*. A poesia é seu meio de busca e expressão, ele se entrega a esse processo criativo como uma tentativa ansiosa de dar voz ao divino, ao que ainda não nasceu, mas está prestes a ser revelado.

Nessa poesia, Quintana ressalta a importância da expressão artística do poeta e sua capacidade de revelar a singularidade e a complexidade do ser humano. O poema celebra a individualidade do poeta, sua conexão com o divino e a força de sua voz poética que ecoa *além de si mesmo*. Um convite para protegemos a confiança de cada ser e reconhecemos a importância da expressão artística na busca por um sentido mais profundo da existência.

O poeta canta a si mesmo porque, sendo diverso de si mesmo, ele explora a pluralidade de experiências e perspectivas que habitam dentro de si. Ele busca compreender e comunicar a complexidade da existência humana através de sua arte.

“*O Poeta Canta a Si Mesmo*” celebra a importância da autoexpressão poética como uma forma de autodescoberta e como um veículo para capturar a essência do tempo e do divino. Quintana apresenta o poeta como um ser sensível e inquieto, impulsionado pela busca da verdade e da transcendência, e que encontra nas palavras, na música, na poesia, um caminho para se conectar com o eu e com o mundo.

Sábias agudezas... refinamentos...
 — não!
 Nada disso encontrarás aqui.
 Um poema não é para te distraíres
 como com essas imagens mutantes de caleidoscópios.
 Um poema não é quando te deténs para apreciar um detalhe
 Um poema não é também quando paras no fim,
 porque um verdadeiro poema continua sempre...
 Um poema que não te ajude a viver e não saiba preparar-te
 para a morte
 não tem sentido: é um pobre chocalho de palavras (Quintana,
 2007, p. 32).

A poesia “*Sábias agudezas... refinamentos...*” de Mário Quintana é um questionamento sobre a verdadeira essência de um poema. O eu lírico rejeita a ideia de que um poema deva ser apenas uma distração passageira ou um exercício de contemplação estética. Ele declara que um poema não se resume a *imagens mutantes de caleidoscópios* ou a detalhes que se apreciam momentaneamente.

O eu lírico enfatiza que um verdadeiro poema não termina quando se chega ao fim, mas continua a ecoar, a reverberar na vida do leitor. Ele desafia a ideia de que um poema é algo isolado, algo que se consome e encerra-se em si mesmo. Em vez disso, é visto como uma experiência contínua, que se entrelaça com a vida e que se estende para além das palavras escritas.

A essência de uma poesia, de acordo com o eu lírico, reside em sua capacidade de auxiliar na vivência e de nos *preparar para a morte*. Ele é um meio de reflexão e de conexão com o mundo, que nos proporciona insights e perspectivas sobre a existência humana. Deve transmitir uma sabedoria que ajude a enfrentar os desafios da vida e compreender a nossa própria finitude.

Nesse contexto, o poema que não adquire esses propósitos é considerado vazio e sem sentido, comparado a um “*pobre chocalho de palavras*”. Quintana expressa sua visão de que a poesia deve ser uma forma de conhecimento profundo e transformador, capaz de nos despertar para a essência da vida e de nos preparar para o inevitável fim.

Com essa reflexão, Quintana desafia as concepções tradicionais sobre o que constitui um poema de valor. Ele resgata a importância da poesia como uma força vital, capaz de nos levar além da superfície das palavras e nos conectar com nossa própria humanidade e com as questões fundamentais da existência.

O que vemos nos

Os retratos

Os antigos retratos de parede
não conseguem ficar longo tempo abstratos.

Às vezes os seus olhos te fixam, obstinados
porque eles nunca se desumanizam de todo.

Jamais te voltes para trás de repente.
Não, não olhes agora!

O remédio é cantares cantigas loucas e sem fim...
Sem fim e sem sentido...

Dessas que a gente inventava para enganar
a solidão dos caminhos sem lua (Quintana, 2007, p.486).

A poesia “*Os Retratos*”, de Mário Quintana, aborda o poder e a presença dos retratos de parede, que apesar de serem objetos inanimados, parecem possuir uma essência humana que captura a atenção e o olhar dos observadores “os seus olhos te fixam”.

O poema começa com a afirmação de que os “antigos retratos de parede” não conseguem ficar abstratos por muito tempo. Isso sugere que, embora sejam apenas pinturas estáticas, elas têm uma qualidade cativante e parecem ganhar vida, evocando emoções e lembranças no espectador. O olhar dos olhos retratados parece fixar-se obstinadamente nas pessoas, como se estivessem presos em algum tipo de conexão humana.

O eu lírico alerta para o perigo de se olhar para os retratos de repente ou virar-se para trás, “Jamais te voltes para trás de repente”, pois isso pode criar uma sensação de desconforto ou desassossego. Os retratos, de alguma forma, carregam uma aura de presença e de vida que os torna inquietantes.

Para combater essa inquietação, o eu lírico sugere o remédio de cantar “cantigas loucas e sem fim”, dessas que a gente inventa para enganar a solidão dos caminhos sem lua. A música e a poesia, segundo o poema, são uma maneira de enfrentar o desconforto evocado pelos retratos e de escapar da solidão e do vazio.

Podemos dizer que “*Os Retratos*” reflete a sensibilidade de Quintana para explorar a complexidade da existência humana, destacando como os objetos aparentemente inanimados podem evocar sentimentos profundos e pensamentos sobre a natureza da vida e da solidão. Através de sua poesia, Quintana convida os

leitores a explorarem os mistérios da alma humana e a encontrarem consolo e significado nas palavras e na música.

Para onde nos levam

Os poemas

Os poemas são pássaros que chegam
 não se sabe de onde e pousam
 no livro que lê.
 Quando fecha o livro, eles alçam voo
 como de um alçapão.
 Eles não têm pouso
 nem porto;
 alimentam-se um instante em cada
 par de mãos
 e partem.
 E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
 no maravilhado espanto de saberes
 que o alimento deles já estava em ti... (Quintana, 2007, p. 469).

Em “*Os Poemas*” Mário Quintana faz uma bela metáfora sobre a natureza dos poemas e seu poder de impactar o leitor. O poeta compara os poemas a pássaros que chegam inesperadamente, sem que se saiba sua origem, e pousam no livro que está sendo lido.

Quintana personifica os poemas, atribuindo-lhes a capacidade de alçar voo quando o livro é fechado, como se fossem pássaros escapando de uma armadilha. Essa imagem sugere a ideia de que os poemas têm uma existência própria, independentemente do suporte físico em que estão escritos. Eles ganham vida nas páginas do livro, mas também podem voar livremente para outras mentes e corações.

Os poemas não têm um lugar específico para pousarem ou um porto seguro. Eles são livres, como os pássaros, e apenas se alimentam um instante em cada par de mãos, ou seja, no momento em que são lidos e interpretados pelo leitor. Depois disso, eles partem em busca de novos lugares para pousarem e continuarem sua jornada.

Quando os poemas partem, o leitor fica com as mãos vazias, mas o espanto de saber que o verdadeiro alimento dos poemas já estava dentro dele permanece. Os poemas são capazes de despertar sentimentos, pensamentos e emoções que já existiam no leitor, mas que talvez não estivessem plenamente

conscientes, funcionando como uma espécie de espelho poético que reflete a alma do leitor de forma maravilhosa.

Com essa poesia, Quintana celebra o poder transformador da poesia e sua capacidade de tocar a sensibilidade e a imaginação do leitor, pois nele os poemas são retratados como seres vivos que interagem com o leitor, gerando reflexões e despertando emoções profundas. Por meio dessa metáfora poética, Quintana ressalta a importância da poesia como uma forma de conexão humana e como uma maneira de acessar aspectos profundos e ocultos da própria existência.

Eu fiz um poema

Eu fiz um poema belo
e alto
como um girassol de Van Gogh
como um copo de chope sobre o mármore
de um bar
que um raio de sol atravessa
eu fiz um poema belo como um vitral
claro como um adro...
Agora
não sei que chuva o escorreu
suas palavras estão apagadas
alheias uma à outra como as palavras de um dicionário.
Eu sou como um arqueólogo decifrando as cinzas de uma
cidade morta.
O vulto de um velho arqueólogo curvado sobre a terra...
Em que estrela, amor, o teu riso estará cantando? (Quintana,
2007, p. 471).

A poesia “*Eu fiz um poema*” é uma reflexão sobre a efemeridade da criação poética e a fugacidade das emoções e das palavras. O poeta compara seu poema a coisas belas e impactantes, como um girassol de Van Gogh e um vitral. Ele descreve a beleza e a clareza de sua obra, usando imagens vívidas que evocam sensações visuais e táteis.

No entanto, logo após a descrição da grandiosidade do poema, o eu lírico expressa reflexão e desapontamento. Ele não sabe que chuva o escorreu, indicando que algo apagou e obscureceu as palavras do poema. Palavras que antes estavam dispostas de forma bela e significativa agora estão fragmentadas e didáticas, como as palavras de um dicionário, apenas ordenadas uma seguida da outra, insinuando a perda da compreensão e da conexão original do poema.

O eu lírico se vê como um arqueólogo decifrando as cinzas de uma cidade morta. Essa imagem suscita um sentimento de desolação e nostalgia, como se o poeta estivesse tentando resgatar e entender algo que se perdeu e que agora parece distante e irrecuperável.

A última estrofe expressa uma busca por uma conexão perdida, na qual o eu lírico se pergunta em que estrela estará cantando o riso do amor, sugerindo um desejo por algo que pode estar além do alcance imediato. Essa procura pelo riso do amor pode ser interpretada como a busca por uma essência mais profunda e significativa, além das palavras e da superfície da poesia.

“*Eu fiz um poema*” é uma poesia que toca em questões relacionadas com a criação artística e da efemeridade da vida. Quintana explora a dualidade entre a criação e a perda, a beleza e a transitoriedade, e a procura por um significado e uma conexão em meio à impermanência da existência humana. Através de suas metáforas, o poeta desperta a reflexão sobre a complexidade da experiência humana e busca por sentido e admiração nas criações artísticas e nas emoções mais profundas.

Algumas

Surpresas

Sabes? Os cabelos da morte são entrelaçados de flores.
 Não de flores mortas como essas inertes sempre-vivas,
 Mas inquietas e misteriosas como os não desfolhados
 malmequeres

Ou bravias como as pequenas rosas silvestres.

As mãos da morte, as suas mãos não têm anéis,
 Sua virgem nudez não comporta o peso de uma joia,
 Os seus olhos não são, não são uns covis de treva,
 Mas cheios de luz como os olhos do primeiro amor.

Porque a morte não faz esquecer, mas faz tudo lembrar,
 Porque a morte não é, não é um sono eterno:
 Tu vais adormecer como num berço, pouco a pouco,
 E acordarás de súbito num vasto leito de noivado! (Quintana, 2007,
 p. 478).

A poesia “Surpresas” de Mário Quintana trata sobre a temática da morte de uma forma surpreendente e original. O poeta personifica-a como uma figura feminina, cujos cabelos são entrelaçados de flores, mas não flores mortas e frias, como as “sempre-vivas”, mas sim flores inquietas e misteriosas, como os

malmequeres e pequenas rosas silvestres. Essa personificação com elementos naturais traz uma sensação de beleza e lirismo à sua figura, tornando-a menos assustadora.

No decorrer da poesia, o poeta continua descrevendo a morte como uma figura jovem e pura, com mãos sem anel e olhos cheios de luz, em contraste com a sua imagem tradicional, algo sombrio e tenebroso. Ele destaca que a morte não é um esquecimento, mas sim um meio de fazer lembrar. Ela não é um sono eterno, mas uma transição para uma nova realidade.

A poesia termina com uma imagem poderosa e acompanhada, comparando a morte a um despertar para um “vasto leito de noivado”. Essa imagem sugere uma transformação após a morte, como se fosse uma espécie de casamento com o desconhecido e o eterno. A noção de um “vasto leito de noivado” evoca um sentido de esperança e encantamento diante do mistério da morte.

“*Surpresas*” é uma poesia que desafia as expectativas e preconceitos em relação à morte, mostrando-a de forma poética e fascinante, destacando a beleza e a leveza associadas à sua figura, além de sugerir que há uma continuidade da vida após a morte. Por meio de suas metáforas, o poeta convida os leitores a contemplarem a morte de uma forma mais sutil e sensível, enfatizando a importância de aproveitar a vida e encarar a transitoriedade com serenidade e sabedoria.

Fazendo uma

Inscrição para uma lareira

A vida é um incêndio: nela
dançamos, salamandras mágicas
Que importa restarem cinzas
se a chama foi bela e alta?
Em meio aos toros que desabam,
cantemos a canção das chamas!

Cantemos a canção da vida,
na própria luz consumida... (Quintana, 2007, p. 490).

Em “*Inscrição para uma Lareira*”, Mário Quintana faz uma reflexão poética sobre a natureza efêmera da vida e a beleza de viver intensamente, mesmo que tudo se reduza a cinzas no final. O poeta compara a vida a um incêndio, onde dançamos como salamandras mágicas, que são seres mitológicos associados ao fogo e à imortalidade.

O eu lírico expressa que, mesmo que restem apenas cinzas ao fim da vida, isso não diminui a grandiosidade da chama que ardeu bela e alta durante todo o tempo. A metáfora do incêndio representa a intensidade e a vitalidade da existência humana. Mesmo que a vida seja fugaz e temporária, é preciso celebrar a chama que queimou com vigor e beleza.

Em meio aos toros que desabam, o eu lírico conclama a cantar a canção das chamas. Essa imagem sugere uma atitude de celebração e gratidão diante da vida, mesmo quando enfrentamos os momentos difíceis e os desafios que podem levar à queda e à destruição.

A poesia evoca um senso de *carpe diem*, uma celebração do momento presente, da vida em sua plenitude, mesmo que esteja fadada a desvanecer-se como as chamas de uma lareira que se consome. O importante é aproveitar cada instante e viver a vida com intensidade, como uma canção que se consome na própria luz.

“*Inscrição para uma Lareira*” é uma poesia que ressalta a importância de aproveitar o presente, de viver com paixão e de celebrar a vida em toda a sua efemeridade. O poeta nos convida a refletir sobre a beleza e a fugacidade da existência, convoca-nos a dançar com as chamas da vida, mesmo sabendo que um dia tudo se reduzirá a cinzas. É uma poesia que nos propõe a abraçar a nossa humanidade, com todas as suas limitações e impermanências, e encontrar beleza mesmo no efêmero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num primeiro momento de nosso estudo, vimos os principais conceitos acerca do Existencialismo, a fim de compreendermos o contexto social e filosófico no qual se configurou, com maior intensidade, aquela corrente filosófica e o porquê daquele movimento servi de poeta-voz dos anseios do homem num contexto de guerra.

Vimos que a poesia de Quintana suscita muitas inquietações, dentre elas as provocadas nos alunos durante o Clube de Leitura de que participamos e que serviram como um dos fatores motivadores para este estudo, pois a poesia de Quintana é conhecida por sua linguagem simples e acessível, o que facilita sua compreensão por parte dos alunos, muitos iniciantes no universo literário, e no deleite que a poesia pode proporcionar. Essa forma de escrever do autor incentiva o interesse pela leitura e pela expressão criativa, permitindo que se desenvolvam habilidades de escrita e comunicação.

Ao discutir a poesia de Quintana em sala de aula, podemos discorrer sobre questões relacionadas à subjetividade e à interpretação artística. Cada aprendiz tem sua própria interpretação das obras, e isso estimula o diálogo e a troca de ideias, ajudando a construir um ambiente de aprendizagem colaborativo e inclusivo, no qual a diversidade seja o elemento principal nesse intercâmbio de interpretações.

Além disso, a poesia de Quintana muitas vezes contém uma dose de humor e ironia, o que torna as aulas mais leves e divertidas, contribuindo para um ambiente escolar mais descontraído, onde os alunos se sentem à vontade para expressar suas opiniões e participar ativamente das discussões.

Procurou-se delinear também, os aspectos particulares que caracterizam a poética do gaúcho Mário Quintana, objetivando relacionar algumas dessas características ao pensamento do filósofo existencialista Jean-Paul Sartre, uma vez que, nos poemas do “lírico do Alegrete”, os conflitos decorrentes do existir-do-homem, tais como: a ausência de Deus, o total absurdo da existência humana e a sempre possibilidade a ser alcançada, são claramente percebidos. Isso porque nos anos 30 e 45, período literário no qual está inserido o “último dos líricos”, é a poesia – aliás, não só ela, também a prosa – concebida como um arauto a apregoar as dores existenciais humanas.

Estudar Mário Quintana, arriscar lançar mão de sua “arca de preciosidade poética”, não foi tarefa das mais simples, em virtude da “marginalização” a que o renegou grande parte de nossos críticos literários porquanto ele, com a sua poesia cotidiana, se apresentasse demasiadamente fácil para a “sede decifratória” desses estudiosos.

Outro também incompreendido foi Sartre – “*la machine de guerre*”, “o filósofo do desespero” – cujo “pecado” maior foi pôr nas mãos do próprio homem a responsabilidade por sua existência, visto que, para o filósofo francês, é o Existir do homem que o distingue de um ser qualquer, já que ele (homem) precisa se projetar e se definir em todos os momentos de sua existência.

Relacionar Quintana a Sartre foi possível na medida em que os dois comungam do mesmo pensamento, pois é sabido que, além de filósofo dos mais atuantes, trilhou Sartre, ainda, pelos caminhos da literatura. *A Náusea*, uma de suas obras mais conhecidas, foi bastante aplaudida pela crítica especializada.

De igual modo, portanto, permite perceber que não foi Sartre só um filósofo ou Quintana só um poeta posto que, ao contrário daquilo que muitos imaginam, não se deve fragmentar as várias manifestações do fazer literário, artístico, filosófico ou científico do homem, classificando-os enquanto puramente isso ou aquilo, uma vez que podem, Literatura e Filosofia, Filosofia e Literatura, por exemplo, caminharem juntas, lado a lado, na busca do homem enquanto ser consciente de suas infinitas possibilidades de existir.

Quintana não é poeta regional, pois sua poesia não é localista. Também ainda não é nacional, por não ter uma recepção uniforme no país. Pode-se dizer que Quintana é um poeta universal, porque sua poesia fala a todos e expressa a condição humana, explorando a reflexão sobre a vida e sobre a morte.

Enfim, desejou-se até aqui fazer um breve estudo da poética de Mário Quintana à luz do Existencialismo, visto que este poeta se diferenciava de seus pares e com sua poesia trazia o cotidiano visto com olhos de um observador de fatos comuns tão complexos em si.

REFERÊNCIAS

A EPOPEIA de Gilgamesh. Tradução Carlos Daudt de Oliveira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ALVES, Jose Helder Pinheiro. **A representação do tempo na poesia de Mário Quintana**. 2000. 164 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-19122022-172819/en.php>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ARENDT, João Claudio; PAVANI, Cinara Ferreira. **Na esquina do tempo: 100 anos com Mário Quintana**. Caxias do Sul: Educus, 2006.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BANDEIRA, Manuel. **Seleta em prosa e verso**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2007.

BASGALUPP, Taiane Porto. **Ser “livre e liberto como uma asa”**: cronos e a imaginação aérea na poesia de Mario Quintana. 2011. 128 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4024/1/000429804-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

BASGALUPP, Taiane Porto. **Ser “livre e liberto como uma asa”**: Cronos e a imaginação aérea na poesia de Mario Quintana. 2011. 128 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/1985/1/429804.pdf>. Acesso em: 2 set. 2022.

BECKER, Paulo. **Mário Quintana: as faces do feiticeiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Edipucrs, 1996.

BOMBINI, Rosilene Frederico Rocha. **O universo metalinguístico na obra de Mário Quintana: uma poética da linguagem**. 2013. 232 f. Tese (Doutorado em Ciências e Letras, Araraquara, 2013. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos_literarios/2972.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

BORNHEIM, Gerd A. **Sartre: metafísica e existencialismo**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRASIL, Assis. **A poesia sergipana no século XX**: antologia. Aracajú: Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer de Sergipe, 1998. (Coleção Poesia Brasileira).

BUTLER, Judite. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. São Paulo: Autêntica, 2017.

CAMPOS, Fred de Souza. **A poesia de Mario Quintana na fronteira infantojuvenil**: (re)endereçoamento, recepção e partilha. 2021. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/18420>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CAMUS, Albert; JONES, Henry. **The just**. Harmondsworth: Penguin, 1970.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 11. ed. São Paulo: José Olímpio, 2020.

CUNHA, Fausto. **A leitura aberta**. Brasília, DF: Livraria Editora Cátedra, 1978.

DEMO, Pedro. **Pobreza da pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

MACHADO, Marília Correa. **O gosto do nunca e do sempre**: um estudo sobre o tempo e o espaço na poesia de Mario Quintana. 2004. 98 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/88032/208869.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2010. v. 7.

MEYER, Augusto. O “fenômeno Quintana”. In: TOSCANO, Fábio. **A fórmula secreta**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 29. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2019. v. 3.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

PERES, Letícia Paula de Freitas. **A expressividade na sintaxe da poesia de Mario Quintana**. 2000. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001121282>. Acesso em: 12 abr. 2023.

PINTO, Sérgio de Castro. **Estudo sobre a poética do Poeta Azul: Mário Quintana**. Rio de Janeiro: Cirrus, 1998.

QUINTANA, Mário. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

QUINTANA, Mário. **Poesias**. 9. ed. São Paulo: Globo, 2001.

RÊGO, Telma Maria Silva. **Sobre a possibilidade de uma leitura sartreana em Clarice Lispector**. São Paulo: SIOGE: 1993.

RIBAS, Nathalia Sabino. **"A estranha felicidade da velhice" na poesia de Mario Quintana e de Carlos Drummond de Andrade**. 2008. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/875>. Acesso em: 12 abr. 2023.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

SARTRE, Jean Paul. **O que é a subjetividade?** Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a subjetividade?** Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SILVA, Cléa Gois e. Da liberdade inútil à consciência. **Anais de Filosofia**, São João del-Rei, n. 10, p. 139-143, jul. 2003.

SILVA, Cléa Gois e. Sartre: da consciência do ser e o nada ao existencialismo humano. **Reflexão**, Campinas, v. 32, n. 91, p. 11-17, jan./jun. 2007.

SPINOZA, Baruch. **Ética segundo a ordem geométrica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VALMORBIDA, Nedli Magalhães. **Uma leitura do espaço da casa na obra de Mário Quintana: um convite ao devaneio**. 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em Leitura e Cognição) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1101/1/Nedli%20Magalh%C3%A3es%20Valmorbida.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

VARGAS, Taiane Basgalupp de. **"Das mudanças do tempo, que ora nos traz esperanças, ora nos dá incerteza"**: imagens do Tempo na poesia de Mario Quintana. 2019. 181 f. Tese (Doutorado em História da Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/8994>. Acesso em: 2 mar. 2023.

VENTURIN, Daiane Pedroti. **Poética de Mario Quintana**: uma teoria recortada a partir do Caderno H. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010. Disponível em:

<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/517/Dissertacao%20Daiane%20Pedroti%20Venturin.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 mar. 2023.

YASUDA, Ana Maria Bonato Garcez. **Poesia e alfabetização**: estudo sobre o Batalhão das Letras de Mário Quintana e Pare no P da Poesia de Elza Beatriz. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001059919>. Acesso em: 20 abr. 2023.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. **A memória lírica de Quintana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.